

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

NICOLI SANTANA DE OLIVEIRA

**ALTRUÍSMO EM FILIPENSES: UM ESTUDO HISTÓRICO-GRAMATICAL DO TEMA
ALTRUÍSMO NOS CAPÍTULOS 2 E 3 DA CARTA DE PAULO AOS FILIPENSES**

SÃO PAULO

2023

Nicoli Santana de Oliveira

ALTRUÍSMO EM FILIPENSES: UM ESTUDO HISTÓRICO-GRAMATICAL DO TEMA
ALTRUÍSMO NOS CAPÍTULOS 2 E 3 DA CARTA DE PAULO AOS FILIPENSES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final no curso de Bacharel em
Teologia da Faculdade Teológica Batista de
São Paulo.

Orientador: Prof. Me. Marcos de Almeida

São Paulo

2023

OLIVEIRA, Nicoli Santana de

Altruísmo em Filipenses: um estudo histórico-gramatical do tema altruísmo nos capítulos 2 e 3 da carta de Paulo aos filipenses – São Paulo, 2023.

58 p.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a conclusão do Curso de Bacharel em Teologia

Orientador: Prof. Me. Marcos de Almeida

Introdução – Conceito de Altruísmo e contexto literário – Termos-Chave – Discurso altruísta em Filipenses – Discurso egocêntrico da Teologia do Coaching – Conclusão

CDD 230

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Nicoli Santana de Oliveira

ALTRUÍSMO EM FILIPENSES: UM ESTUDO HISTÓRICO-GRAMATICAL DO TEMA
ALTRUÍSMO NOS CAPÍTULOS 2 E 3 DA CARTA DE PAULO AOS FILIPENSES

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me Marcos de Almeida – Orientador

Prof. Dr. André Filipe de Farias Sass – Leitor

DEDICO

Ao Deus Triúno, cheio de graça e amor, que é a minha maior inspiração e a razão do meu viver. Aos meus pais, Marco e Sonia, que são um exemplo de amor e entrega verdadeiros. A minha irmã Bianca que me inspira com sua vida e fé. Ao pastor Jairo Domingos e sua esposa Tatiana que vivem a prática do altruísmo. Aos meus amigos e professores, onde vejo claramente o testemunho da multiforme graça de Deus.

AGRADEÇO

Ao Deus Triúno, que me gerou, amou, redimiu, selou e me sustenta todos os dias. Que independente das circunstâncias, dá a paz e a alegria para eu viver cheia de esperança. Que não me vê como um “potencial” futuro, mas como sua filha amada desde o ventre da minha mãe. Seja honrado com tudo que sou!

A minha família por todo amor e encorajamento, sou grata por serem o meu lar, por me ensinarem a amar ao Senhor e a desejar compartilhar o evangelho desde cedo. Sou grata por todo encorajamento e paciência no decorrer desse curso, especialmente nesse período de conclusão.

Ao pastor Jairo Domingos e sua esposa Tatiana que são meus amigos e companheiros de ministério a tantos anos, é um privilégio servir ao Senhor com pessoas assim.

Aos meus amigos e colegas da Teológica, aprendi muito andando com todos. Foi uma grata surpresa encontrar tantas pessoas incríveis e inspiradoras em um só lugar.

Ao meu amigo Caio Viana pela conversa sobre altruísmo que gerou o tema desse trabalho. Ao Fellipe Manoel e ao Henrique Paixão por toda amizade e suporte no decorrer do curso. Ao Anderson pela amizade e por me instigar a me expressar teologicamente através do nosso podcast.

Aos professores que me ensinaram com seus exemplos de vida e conhecimentos. Sobretudo agradeço àqueles que me inspiraram com relação ao presente trabalho, sendo estes os professores André Farias, Emmanuel Athayde, Jonas Machado e Marcos de Almeida – que agradeço duplamente, por ser o meu orientador.

A Faculdade Teológica Batista de São Paulo por esse período de estudos que foi tão enriquecedor. Um agradecimento especial a todos os funcionários que contribuíram das mais diversas formas.

Quando nós, cristãos, nos comportamos mal ou falhamos em nos comportar bem, estamos fazendo com que o cristianismo seja descreditado diante do mundo externo (LEWIS, 1989, p. 183).

RESUMO

Este projeto de pesquisa é um estudo histórico-gramatical do tema altruísmo nos capítulos 2 e 3 da carta de Paulo aos Filipenses. Envolve a definição de altruísmo, o contexto literário, os opositores citados, os termos gregos pertinentes e uma síntese teológica. Aborda a exortação ao altruísmo que há nessa passagem, os paradigmas de exemplo de Cristo, Paulo, Timóteo e Epafrodito e a relação de oposição do padrão cristão altruísta e do padrão egoísta anticristão.

A pesquisa utiliza o método bibliográfico, consultando obras de Augusto Comte, comentários exegéticos, dicionários de teologia, e literatura contemporânea. Lançando luz sobre a mensagem altruísta contida na carta de Paulo aos Filipenses, destacando sua relevância em meio ao um discurso egocêntrico atual.

Palavras-chaves: Altruísmo - Filipenses – Teologia Cristã

ABSTRACT

This research project is a historical-grammatical study of the theme of altruism in chapters 2 and 3 of Paul's letter to the Philippians. It involves the definition of altruism, the literary context, the opponents mentioned, the relevant Greek terms and a theological synthesis. It addresses the exhortation to altruism in this passage, the example paradigms of Christ, Paul, Timothy and Epaphroditus and the opposition between the altruistic Christian standard and the selfish standard anti-Christian.

The research uses the bibliographic method, consulting books by Augusto Comte, exegetical commentaries, theological dictionaries, and contemporary literature. Shedding light on the altruistic message contained in Paul's letter to the Philippians, highlighting its relevance in the midst of a current egocentric discourse.

Keywords: Altruism - Philippians – Christian Theology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O CONTEXTO LITERÁRIO	14
1.1 CONTEXTO LITERÁRIO DA CARTA AOS FILIPENSES	14
1.1.1 SOBRE O GÊNERO LITERÁRIO	14
1.1.2. SOBRE A HISTÓRIA DE FILIPOS	17
1.1.3. SOBRE A COMPOSIÇÃO DA CARTA POR PAULO	19
1.1.4 SOBRE O PROPÓSITO DA CARTA	20
1.2 OPOSITORES DO EVANGELHO DE CRISTO EM FILIPOS	21
2. UMA ANÁLISE DOS TERMOS-CHAVE	24
2.1. TERMOS-CHAVE ACERCA DO TEMA ALTRUÍSMO E UMA ANÁLISE SINTÁTICA-SEMÂNTICA	24
2.1.1. SOBRE O CONCEITO DE MENTALIDADE	24
2.1.2. SOBRE O CONCEITO DE EGOÍSMO VERSUS HUMILDADE	26
2.1.3. SOBRE O CONCEITO DE VANGLORIA VERSUS GLÓRIA	27
2.1.4. SOBRE O CONCEITO DE ESCRAVO VERSUS SENHOR	28
2.1.5. SOBRE O CONCEITO DE PERDA E LUCRO	30
2.1.6. SOBRE O CONCEITO DE ALEGRIA	30
2.2. UM COMPARATIVO DAS TRADUÇÕES BÍBLICAS DESSES TERMOS EM PORTUGUÊS	31
2.3. INTERPRETAÇÃO GERAL DO TEMA ALTRUÍSMO NA PERÍCOPE COM BASE NOS TERMOS CHAVE	32
3. O DISCURSO ALTRUÍSTA EM FILIPENSES	34
3.1. UMA EXORTAÇÃO AO ALTRUÍSMO	34
3.1.1 SOBRE DEIXAR A FALSA GLÓRIA	34

3.1.2 SOBRE A VERDADEIRA GLÓRIA NO PRESENTE	35
3.1.3 SOBRE A VERDADEIRA GLÓRIA NO FUTURO	36
3.2. EXEMPLO DE CRISTO, PAULO, TIMÓTEO E EPAFRODITO	37
3.2.1 SOBRE O PARADIGMA DE CRISTO.....	37
3.2.2 SOBRE O PARADIGMA DE PAULO	39
3.2.3 SOBRE O PARADIGMA DE TIMÓTEO.....	40
3.2.4 SOBRE O PARADIGMA DE EPAFRODITO	41
3.3. PADRÃO CRISTÃO ALTRUÍSTA E EGOÍSTA ANTICRISTÃO.	42
4. O PADRÃO CRISTÃO PARA OS DIAS DE HOJE	45
4.1. INCONGRUÊNCIA DOS CRISTÃOS.....	45
4.2. DISCURSO EGOCENTRICO DA TEOLOGIA DO COACHING.....	47
4.3. UM CHAMADO A BRILHAR COMO ESTRELAS	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

Os capítulos 2 e 3 da carta de Paulo aos Filipenses abordam o que se entende por altruísmo, explorando sua relação bem direta com a vida prática cristã. Isso faz emergir uma série de indagações, que será discutida ao decorrer deste trabalho. Passando pela definição da palavra altruísmo, do contexto da carta aos Filipenses, explicações de termos e significado de algumas perícopes desses capítulos que são relevantes para o tema proposto. Além disso, a discussão se estende para os dias atuais, explorando o impacto do egocentrismo nos discursos da Teologia do Coaching.

O objetivo central do trabalho é entender se os capítulos 2 e 3 da carta de Paulo aos Filipenses abordam o tema altruísmo? De que maneira? Por ser um estudo histórico-gramatical do tema, precisamos responder inicialmente qual a definição da palavra altruísmo, o contexto literário da carta aos Filipenses e quem eram os opositores citados no capítulo 3. Na sequência do trabalho buscamos descobrir os termos chave em grego que em suas dimensões sintática-semântica expressam o tema dentro desse trecho. A partir das análises anteriores, define-se a síntese teológica desse texto acerca do altruísmo.

A terceira parte visa esclarecer o que Paulo instrui os filipenses a fazerem que seja altruísta; e mais especificamente que ele aborda sobre Jesus, Timóteo e Epafrodito. Assim, buscamos responder se ser altruísta é viver o padrão cristão que Paulo menciona? Se um comportamento egoísta é anticristão? E, por último, finaliza-se respondendo como o egocentrismo aparece nos discursos atuais? Como viver esse padrão Cristão hoje? Uma vida altruísta contrastaria com o discurso da Teologia do Coaching?

Na carta de Paulo aos filipenses há uma mensagem teológica sobre o altruísmo, que é comumente interpretada como "humildade cristã" (BURDICK, 2003, p. 1761). Uma releitura dessa passagem à luz do termo altruísmo poderá traduzir melhor o significado da mensagem teológica que essa passagem expressa através da exortação a uma conduta altruísta, que faz parte do padrão cristão e que, por sua vez, faz oposição ao modo de viver libertino que é egoísta e anticristão. É importante destacar que o uso da palavra altruísmo para explicar essa mensagem de Filipenses não é uma novidade, autores como Ralph Martin, Gordon Fee e William Hendriksen se valem desse termo em seus comentários sobre a carta.

Paulo descreve como era raro encontrar alguém que tivesse atitudes altruístas, pois todos buscavam os seus próprios interesses (Filipenses 2:21). Já os opositores viviam para servir o "deus estômago" através de seus impulsos (BURDICK, 2003, p. 1761). Exorta os filipenses a buscarem os interesses dos outros acima dos seus (Filipenses 2:1-4). Mostra o paradigma exemplar que é Jesus Cristo, o próprio Deus que se esvaziou (Filipenses 2:5-11). Como a igreja deveria se destacar naquela sociedade, através de exemplos práticos como Timóteo e de Epafrodito, homens raros, que eram altruístas (Filipenses 2:12-30). Existia um padrão de conduta cristã que é altruísta, o oposto disso é uma vida egoísta, onde o Cristo é substituído pelo "deus estômago" (Filipenses 3:17-21).

Em uma sociedade extremamente egocêntrica, a mensagem de altruísmo contida nessa carta é muito relevante. Assim, justifica-se a pesquisa ao entender que viver o padrão cristão altruísta - ou seja, que não é egoísta - gera um grande contraste com o padrão atual. E é justamente dessa maneira que o cristão deve viver, "brilhando como estrelas" que contrastam fortemente com o padrão social contemporâneo. Apesar disso, o maior problema não é o egoísmo externo, mas sim os padrões egoístas que são expostos em pregações contemporâneas, onde Cristo fica de lado e o ser humano passa a ser o centro.

O projeto surgiu da reflexão pessoal sobre o sentido da vida, identificando no altruísmo um desejo de fazer a diferença e dedicar-se ao serviço de Cristo. Inspirado pela vida de Paulo e influenciado pela mãe, o autor busca compreender melhor a mensagem de Filipenses sobre o altruísmo, utilizando o método histórico-gramatical.

A pesquisa bibliográfica inclui obras de Auguste Comte, comentários exegéticos sobre Filipenses e literatura contemporânea sobre a Teologia do Coaching no Brasil. Os capítulos do projeto abordam a origem do termo altruísmo, o contexto literário de Filipenses, análises dos comentários exegéticos e uma comparação com o discurso atual da Teologia do Coaching.

1. O CONTEXTO LITERÁRIO

O objetivo deste trabalho é abordar o tema altruísmo nos capítulos 2 e 3 da carta de Paulo aos Filipenses. Para Ralph Martin, Paulo conclama a igreja em Filipos a viver conformada a maneira de vida de Cristo, que é de redenção altruísta e sacrificial (MARTIN, 1985, p. 45). Gordon Fee segue a mesma linha de pensamento, quando disse que o apóstolo apontou para Jesus como o paradigma do altruísmo e da humildade para que houvesse unidade naquela igreja (FEE, 2022, p. 41). De acordo com William Hendriksen, ele estava provendo uma orientação espiritual para que os filipenses vivessem de maneira digna à cidadania celestial em Cristo, o que incluía o altruísmo, dentre outras virtudes (HENDRIKSEN, 2019, p. 374). Diante disso, deve-se definir o significado da palavra altruísmo e de seus sinônimos. Já que, apesar de ser usada de maneira recorrente para descrever o que Paulo retrata em Filipenses, a palavra “altruísmo” não existia no período em que a carta foi escrita - da mesma forma que a língua portuguesa. O papel da interpretação, sendo assim, é a tentativa de redescobrir o passado para que o texto bíblico se torne compreensível na cultura atual (WEGNER, 1998, p. 12).

1.1 CONTEXTO LITERÁRIO DA CARTA AOS FILIPENSES

A carta de Filipenses, integrante do cânon do Novo Testamento, revela-se como uma epístola de Paulo, o apóstolo, escrita durante seu período de prisão. Inserida no gênero literário de epístola, essa obra carrega consigo uma expressiva gratidão de Paulo pelos filipenses com instruções sobre a vivência cristã. O contexto histórico de Filipos, cidade influenciada pelo domínio romano, destaca-se como pano de fundo, enquanto a autenticidade da autoria paulina é universalmente reconhecida. O propósito subjacente da carta é multifacetado, abrangendo desde a exortação à unidade da comunidade até a resistência contra opositores do evangelho de Cristo, cujas influências Paulo adverte a comunidade para discernir. Este panorama introdutório destaca a complexidade e a relevância da carta de Filipenses, oferecendo uma base sólida para a análise mais aprofundada dessas questões no decorrer deste trabalho.

1.1.1 SOBRE O GÊNERO LITERÁRIO

O autor Gordon Fee propõe que o gênero literário encabece o estudo da carta aos Filipenses em detrimento de outros aspectos. Sendo assim, é importante destacar que estamos nos referindo a

uma obra de literatura do primeiro século, mais especificamente uma “carta de amizade” e uma “carta de exortação moral”. Fee cita dois manuais com instruções para a composição de cartas que são daquele período próximo e que chegaram até os nossos dias, sendo eles: Pseudo-Demétrio e Pseudo-Libânio (apud FEE, 2022, p. 2). O autor enfatiza que Pseudo-Demétrio apresenta tipos diferentes de cartas, dentre eles se encontra o “tipo amigável” ao qual Filipenses se enquadra, especialmente por três pontos: relato inicial sobre a ausência entre amigos (Fp 1.27; 2.12); da carta tratar dos assuntos do remetente e dos destinatários (Fp 1.12; 1.27; 2.19, 23); e dos destinatários cuidarem das necessidades do remetente (Fp 4.14).

Loveday Alexander (apud FEE, 2022, p. 3) também tem um estudo sobre esse tipo de carta, que denomina como “cartas de família”, em sua análise empírica demonstrou que há um padrão nessas cartas. De acordo com Gordon Fee, esse padrão, expresso em sete itens, é evidente em Filipenses: cumprimento e saudação; oração pelos destinatários; tranquilização quanto ao remetente (“meus assuntos”); pedido pela tranquilização quanto aos destinatários (“seus assuntos”); informação sobre a movimentação de intermediários; troca de saudações com terceiros; e voto final de saúde. Fee apresenta uma questão de Cícero (apud FEE, 2022, p. 4), que não considerava que as “cartas de amizade” eram cartas de amigos verdadeiros pelo simples fato de geralmente não abordarem temas profundos, apenas questões triviais. Porém, Fee defende que esse não é o caso de Filipenses, já que nessa carta do apóstolo Paulo é encontrado tanto a formalidade das cartas de amizade quanto um conteúdo muito mais profundo envolvendo essa amizade de maneira factual.

Um ponto importante da amizade no mundo greco-romano que Fee apresenta e que merece destaque, é a questão da reciprocidade das amizades, já que elas significavam compromissos sociais. A amizade em Filipenses é demonstrada em sua busca por vê-los novamente para o progresso deles na fé, o agradecimento pelo auxílio recebido de forma material, na oração de Paulo por eles e na oração dos filipenses por ele. Um ponto marcante e especial é a contribuição financeira deles para com Paulo, afinal o apóstolo não tinha o costume de receber ajuda financeira das igrejas. Porém, dentro da perspectiva social daquele ambiente, esses tipos de trocas de favores eram uma expressão de genuína fraternidade e pacto social. Além desse destaque, de maneira geral a carta está cheia de linguagem que indica a reciprocidade dessa amizade.

Outra questão curiosa é o que Fee expõem como “o caráter às vezes agonístico” da amizade no mundo greco-romano. Ou seja, ter amigos significa também ter inimigos, o que é expresso na oposição que encontramos descrita em Filipenses (Fp. 1.15-17, 28; 2.21; 3.2, 17-19). Além disso,

esse tipo de amizade implicaria em ter “a mesma mentalidade” (Fp. 2.2-5; 4.2-3). Uma questão intrigante também é a ausência de uma postura "patrono-cliente" por parte de Paulo, o que denotaria uma superioridade hierárquica para com eles. Ao que ele poderia se valer por causa da sua função como apóstolo e pai espiritual, algo que ele realmente faz em outras cartas que escreveu, como aos Coríntios. Mas em Filipenses ele se apresenta como servo e não faz apelo a sua autoridade. Apesar do tom exortativo, ele o faz através de um apelo à reciprocidade e ao seu próprio exemplo pessoal como seguidor de Cristo.

O autor Gordon Fee também apresenta Filipenses como uma “carta de exortação moral”. Dentro da perspectiva de que as instruções ética e moral faziam parte da filosofia na cultura greco-romana. No contexto da amizade daquele período, era comum que o “superior” instrísse o “inferior” através de cartas. Essas cartas de exortação moral não possuíam um formato específico, mas tinham duas características que as qualificavam como tal, o autor era amigo ou superior moral do destinatário; e elas tinham como objetivo a persuasão ou a dissuasão – essas que tinham como objetivo um modelo de comportamento– utilizando-se de exemplos, que poderiam ser eles mesmos ou outrem. Fee defende que Paulo usa esse tom, mas mantendo o aspecto de amizade não da autoridade dele. Ele cita o Pseudo-Libânio na seguinte frase: "Seja sempre um imitador, caro amigo, de homens virtuosos. Pois é melhor ser bem falado ao imitar os homens bons do que ser censurado por todos os homens ao seguir homens maus". É evidente a semelhança dessa descrição com o que vemos em Filipenses, onde Paulo apresenta uma série de exemplos, como veremos adiante, que são os paradigmas exemplares, ou seja, modelos para uma mentalidade prática que os filipenses deveriam ter. As seções da carta que abordam os “assuntos deles” estão relacionadas ao teor de exortação moral e intrinsecamente ligadas, por sua vez, aos paradigmas exemplares altruístas.

Outras questões literárias pertinentes que Fee aborda é a falta de citação direta ao Antigo Testamento e a escassez de vocabulário teológico comum a Paulo – como, por exemplo, "crer", "fé" e "graça" que surgem raramente e o verbo “salvação” que não aparece em nenhuma de suas formas. Apesar da mensagem de esperança na carta, não aparecem termos específicos concernentes a esse tema. Essa teologia paulina é apresentada muito mais através dos exemplos práticos do que de argumentação teológica em si. Vemos através dessa constatação o foco na experiência cristã prática, em uma mentalidade ativa e uma expressão de “alegria” até mesmo de maneira imperativa.

Um modo de pensar e de viver alegre diante das circunstâncias de sofrimento, com humildade e altruísmo (FEE, 2022, p. 15).

1.1.2. SOBRE A HISTÓRIA DE FILIPOS

O evangelista Lucas, companheiro de viagem do apóstolo Paulo a Filipos, descreve esse local como "a principal cidade daquele distrito da Macedônia" (Atos 16.11). A cidade, que antes era chamada Crênides pelos gregos, em 356 a.C. foi tomada por Filipe da Macedônia (pai de Alexandre, o Grande), que a nomeou em homenagem própria. O local era estratégico, perto do monte Pangeu com seus depósitos minerais, na planície agrícola de Datos com proteção de sua acrópole. Isso significava riqueza e segurança. Em 168 a.C. toda aquela região da macedônia foi dominada pelos romanos, criando uma província romana setorizada em quatro partes, na qual Filipos possuía destaque.

A parte mais importante na história daquela cidade, que gerou um grande impacto no contexto da composição da carta em questão, se dá a partir de 42 a.C. Ocorreram duas grandes batalhas de Cássio e Brutos contra Otávio e Marco Antônio. Elas definiram o aspecto daquela região em especial, já que com a vitória, Otávio honrou a cidade de Filipos como uma colônia militar romana, concedendo cidadania romana ao povo de lá – o que era magnífico naquele período. Ademais, ele concedeu terras aos veteranos de guerra dispensados, e isso foi excelente para os interesses de Roma, que sofria de superpopulação e o fez estabelecer uma aliança forte com o Império. Outro fator era a proximidade da famosa estrada que ligava Roma a Ásia menor, entre outros locais, chamada de via Egnácia. Otávio repetiu o feito em 30 a.C., dessa vez derrotando Antônio, concedeu terras aos veteranos do exército opositor, reconhecendo o trabalho das batalhas anteriores que haviam lutado juntos e conquistando a lealdade desses homens.

O apóstolo Paulo, por sua vez, chegou a Filipos em 49 d.C., como podemos ver no relato de Lucas no livro de Atos (At 16.11-15). Nesse período, o local era um centro político urbano daquela extremidade da Macedônia. A população era mista entre gregos e romanos, os idiomas oficiais eram o latim e grego, mas esse segundo que era usado de maneira corriqueira pelo povo. Fee apresenta a amplitude do alcance do evangelho nas mais diversas camadas sociais de Filipos: atingindo uma mercadora como Lídia (possivelmente proprietária de um casarão, onde recebia como família estendida várias pessoas); o carcereiro pertencente à classe dos artesãos; e a jovem escrava, a qual Paulo tinha expulsado um espírito de adivinhação (que diferente de outros servos,

havia se convertido por iniciativa própria, não através da conversão de seu senhor, como era comum em muitos casos).

A igreja em Filipos tem a presença feminina de maneira proeminente, assim Fee relata evidências de que as mulheres tinham um papel mais significativo na vida pública do que em outros lugares na época. Isso é evidente tanto na narrativa do livro de Atos quanto na carta aos Filipenses.

Aquela igreja em Filipos era bem peculiar em três aspectos, de acordo com Gordon Fee: sua história, localização e sua amizade no estilo greco-romano para com Paulo.

A fundação dessa igreja está relatada no livro de Atos, se deu no ano 49 d.C. Chegando o apóstolo e seus companheiros na cidade, se depararam com um grupo de mulheres denominadas "tementes a Deus" pelo evangelista Lucas. Elas se encontravam perto do rio aos sábados, já que naquela região não havia sinagogas. Lembrando-se do papel de destaque das mulheres na Macedônia daquele período, Fee fala que não é de se admirar que elas compunham o grupo central entre os primeiros convertidos e que a igreja doméstica tenha se instalado na casa de Lídia, a mercadora. Isso fica evidente porque Paulo e seus companheiros aceitaram de bom grado a acolhida dela em sua residência, o que significava tornarem-se membros temporários de sua família estendida. Apesar de não sabermos exatamente quanto tempo Paulo esteve em Filipos, foi tempo suficiente para gerar uma grande amizade com eles. Uma evidência claríssima, como já mencionada anteriormente, é a contribuição financeira dessa igreja como expressão da reciprocidade social oriunda daquela amizade.

A saída deles da cidade graças a escrava que teve um espírito de adivinhação expulso por Paulo, que gerou a prisão deles, um terremoto que abriu a prisão e posteriormente a conversão do carcereiro e de sua família. É interessante notar a questão da cidadania romana de Paulo, que conduziu uma reviravolta na situação, já que os magistrados ficaram temerosos por fazerem aquilo com ele. Ou seja, sem um processo formal, haviam prendido e açoitado um cidadão romano. De qualquer forma, eles partiram de lá nesse primeiro momento, voltando posteriormente, contudo. Pelos relatos nas cartas aos coríntios, Paulo provavelmente fez ao menos duas visitas à cidade depois daquele período. Em 2 Coríntios 8 o apóstolo chega a dar um testemunho extravagante sobre os filipenses.

Agora, irmãos, queremos que vocês tomem conhecimento da graça que Deus concedeu às igrejas da Macedônia. No meio da mais severa tribulação, a grande alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em rica generosidade. Pois dou testemunho de que eles deram tudo quanto

podiam e até além do que podiam. Por iniciativa própria eles nos suplicaram insistentemente o privilégio de participar da assistência aos santos. E não somente fizeram o que esperávamos, mas entregaram-se primeiramente a si mesmos ao Senhor e, depois, a nós, pela vontade de Deus (2 Coríntios 8:1-5 NVI).

É importante destacar a equação entre a amizade, sofrimento e a generosidade deles. O tom da carta aos Filipenses, que é uma carta de amizade exortatória, é da expressão da amizade unida à questão da exortação a permanecerem firmes em meio ao sofrimento. Sofrimento esse resultado de algum tipo de oposição externa e de uma inquietação interna.

O sofrimento é o contexto histórico importantíssimo, apesar de não ser o tema principal da carta, pois cria o cenário para compreendermos melhor a mensagem que Paulo apresenta. Ele enfatiza bastante sua prisão e oposição sofrida, porém como paradigma de exemplo, já que expressa o foco no progresso do evangelho. Ele os relaciona com isso, já que sofrem oposição de mesmo caráter, tanto de Roma quanto de figuras internas da igreja que estão com mentalidades distorcidas padrão cristão. Paulo enfatiza o avanço do evangelho e a esperança escatológica em detrimento a essas circunstâncias (FEE, 2022, p. 26).

1.1.3. SOBRE A COMPOSIÇÃO DA CARTA POR PAULO

A carta aos Filipenses não possuiu na história da Igreja nenhuma grande contestação sobre sua autoria e nem mesmo em sua aceitação no cânon (CARSON, 1997, p. 356). O apóstolo Paulo estava preso quando escreveu essa carta, pois até usa a expressão "estar em correntes" (Fp. 1.7,13,14,17). Existe debate sobre o local específico onde ele se encontrava naquele período. E a data, por sua vez, está intrinsecamente ligada ao local de composição da carta. A visão mais tradicional entende como o período de sua prisão romana no começo da década de 60 d.C. (entre 60 e 62). Mas existem as hipóteses de ter ocorrido em Cesareia ou em Éfeso.

O autor Gordon Fee defende que a evidência interna da carta torna a opção tradicional preferível, já que Paulo se refere a guarda pretoriana, que é justamente a guarda principal do Império Romano localizada em Roma – pouquíssimo provável que estivesse reunida em outra localização. Vemos isso nos seguintes trechos da carta: "tornou-se evidente a toda a guarda pretoriana que estou em correntes por causa de Cristo" (Fp 1:13) e "santos, especialmente os da casa de César" (Fp 4.22). Fee chega a dizer que Paulo parece ter até mesmo a intenção de despertar

deleite e admiração dos filipenses, afinal eles também estavam sofrendo oposição dos romanos, e saber essas informações específicas sobre Roma seria fantástico.

O contraponto é que a palavra “praetorium” poderia se referir apenas a um “palácio do governador” nas províncias romanas (Mc 15.16 e At 23.35), contudo a interpretação provável é realmente a “Guarda Pretoriana”, que seria a tropa de elite do próprio imperador em Roma de fato. Quem entende que a prisão foi em Éfeso precisa supor que a guarda estivesse nessa cidade, pois não havia “praetorium” lá. Com relação à Cesareia, fica difícil de entender essa questão da guarda pela quantidade de pessoas envolvidas na prisão do apóstolo lá, mesmo considerando que fosse o “palácio do governador”, já que a ideia de ter tornado evidente a “todo o pretório” denota uma quantidade razoável de pessoas envolvidas, o que não é o caso de Cesareia.

Sobre a menção em 4.22 aos "membros da casa de César". Nero tinha membros de sua família estendida por todo Império, mas somente em Roma havia uma concentração maior deles. Diferente da guarda pretoriana, o termo “casa” (oikia) é usado por Paulo em várias ocasiões, sempre com o sentido de “casa e seus ocupantes”. Se ele tivesse usado de maneira diferente de casa, enquanto família estendida de César em Roma, ele teria deixado o uso comum do termo – e não há nenhuma evidência concreta para descrever isso de maneira convincente, de acordo com Gordon Fee. Com relação ao fator distância, Fee defende que não é um bom argumento supor que a distância seria uma evidência de que Paulo não estaria em Roma (pensando na quantidade de viagens descritas na carta). Filipos ficava próxima da via Egnácia, o que tornava as viagens de Macedônia até Roma bem mais viáveis – um período bem mais curto para os padrões antigos. A conclusão de Gordon Fee, que é a utilizada neste trabalho, é a de que os dados favorecem a tradição de que Paulo foi preso em Roma no início da década de 60 d.C. (FEE, 2022, p. 37).

1.1.4 SOBRE O PROPÓSITO DA CARTA

O propósito da carta aos Filipenses de acordo com Fee tem um objetivo maior, muito além de uma carta de mero agradecimento pela generosidade deles: o progresso na fé daqueles irmãos (Fp. 1.25). Mesmo que eles não tivessem enviado Epafrodito, Paulo enviaria Timóteo, já que Ele mesmo pretendia ir pessoalmente. Isso tem relação direta ao progresso do evangelho de maneira geral, que ele buscava tanto para aqueles irmãos quanto em Roma – mesmo que estivesse preso. Fee enfatiza que os “assuntos deles” dão o tom da carta, dentro desse aspecto de edificação da fé daquela igreja.

Ela nos aponta para Cristo, tanto agora quanto para sempre. Cristo é o evangelho; Cristo é Salvador e Senhor; portanto, Cristo é nossa vida; Cristo é nosso modo de viver; Cristo é nosso futuro; Cristo é nossa alegria; "viver é Cristo; morrer é lucro"; e tudo para a glória de nosso Deus e Pai. Amém (FEE, 2022, p. 57).

As questões teológicas que aparecem na carta, sendo de natureza confessional e prática, são: o evangelho, a trindade como chave teológica, o papel central de Cristo, a estrutura escatológica e a vida cristã. Em outras palavras, Filipenses anuncia o avanço do evangelho, a ação de Deus Pai na vida da igreja, boas novas sobre Cristo e o Espírito. Em especial ela carrega um forte sentido cristocêntrico.

1.2 OPOSITORES DO EVANGELHO DE CRISTO EM FILIPOS

Os opositores, como discutido anteriormente, manifestam a natureza "agonística" da carta de amizade exortatória. A concordância entre os comentaristas de Filipenses em relação à existência desses opositores é notável, mas a divergência surge quanto à identidade deles, abrangendo aspectos como "quem", "quantos" e "onde". Fee sustenta que essa questão é incerta. Mesmo que a presença dos opositores seja evidente, definir precisamente quem são não é tarefa fácil.

A existência de uma inquietação interna na comunidade dos filipenses é o ponto em questão nesse trecho da carta, apesar de haver oposição externa pelos romanos de Filipos também. Isso se dá através das seções exortatórias que demonstram que há algum tipo de presunção que está ocorrendo dentro da igreja. Essa presunção poderia crescer e interferir no avanço do evangelho, que é basicamente o testemunho de Cristo, e essa questão é destaque na carta, pois pode-se entendê-la em vários trechos (Fp. 1.27, 2.1-4). Especialmente através do paradigma de exemplo que é a atitude de Cristo (Fp. 2.6-11), em sua aplicação prática na vida deles (Fp. 2.12-16), na descrição de Timóteo e Epafrodito (Fp. 2.20-30), em partes da história de Paulo (Fp. 3.4-14) e na figura dos opositores internos (Fp. 3:2 e 18-19).

De acordo com Gordon Fee, existe muito mais especulação do que certeza sobre as informações exatas de quem foram esses opositores internos, porém ele cita a questão de Evódia e a Síntique como um exemplo do que é de fato o contexto de amizade no mundo greco-romano, isso, pois, não eram mencionados os nomes dos "inimigos". Ou seja, isso demonstra que a questão delas não era o problema em si, apenas uma questão pontual que estava corrigindo. Elas eram

amigas de Paulo, não constituíam os “opositores”, o problema real partia de outro lugar que não é expresso claramente.

Contudo, Fee apresenta três pontos que são bem claros: primeiro, essa oposição interna foi gerada através de “ambição egoísta”. Paulo apela para que eles tenham a “mesma mentalidade”, em uma ação conjunta de trocar essa “ambição egoísta” pela “humildade” – expressa no cuidar dos interesses dos outros. Segundo, a realidade daquela igreja não era das piores. Paulo exorta mais para evitar que algo escalone do que cita – como em coríntios – uma situação extrema de divisão e rixas. Por mais séria que fosse a situação, o tom é de amizade, lembrando que o relacionamento de amizade deles estava em dia, por assim dizer, pois eles tinham um bom relacionamento com o apóstolo. Por último, aparentemente eles estavam abertos a ideias equivocadas sobre a vida prática cristã, e essa atitude presunçosa estaria ligada ao sofrimento, pois as questões judaizantes, por exemplo, colocariam aquela igreja em uma posição de maior segurança perante o Império. Isso se dá porque a religião judaica não sofria perseguição naquele período especificamente – lembrando que alguns deles já vieram do judaísmo, descritos como “tementes a Deus”.

A ideia de que poderia ser uma questão envolvendo a identidade deles como gregos ou romanos, focando em questões passageiras dessa forma. Contudo, essa seria uma maneira de viver como inimigos de Cristo, vemos isso no enfático alerta de Paulo (Fp. 3.2-3) – que é subsequente a seu testemunho pessoal, testemunho este de alguém que já tinha vivido essa transição entre o judaísmo e a vida em Cristo (FEE, 2022, p. 7).

Segundo Victor Fontana no episódio 344 do podcast BTcast, que aborda o capítulo 3 de Filipenses, não havia espaço para uma superioridade étnica, pois todos os povos foram aceitos por Cristo. Essa presunção poderia se dar no meio da dinâmica multicultural dentro das igrejas. Conforme Alexandre Milhoranza, no mesmo episódio, “ser cristão está acima da cultura. O judeu entra como judeu, o grego como grego e o romano como romano”. Ele também citou o autor James Dunn, dentro da proposta da NPP (Nova perspectiva de Paulo), onde apresenta as obras da Lei como patentes identitárias de pertencimento, pois pensar apenas em coisas terrenas, como essas identidades étnicas que colocariam as pessoas – especialmente os judeus - em uma posição distinta (DUNN, 2011, p. 317), era uma ideia intrusa e um discurso religioso bem convincente. Independente das circunstâncias e da etnia, o futuro é garantido em Cristo, o que Paulo deixou bem claro no discurso escatológico aos filipenses.

Diante desse contexto todo, Paulo se faz presente mesmo em sua ausência física através de sua "carta exortatória de amizade" (LEE, 2022, p. 13). Analisaremos a seguir termos-chave que nos ajudarão e entender melhor a mensagem de Filipenses especificamente sobre a questão do altruísmo.

2. UMA ANÁLISE DOS TERMOS-CHAVE

Estudar os termos em sua língua original é fundamental por várias razões, especialmente quando se trata de textos antigos, como os documentos bíblicos em grego (WEGNER, 1998, p. 12). Por isso vamos analisar alguns termos-chave destas passagens, comparar entre as traduções da Bíblia em português e sintetizar esses conceitos e suas relações com o tema altruísmo.

2.1. TERMOS-CHAVE ACERCA DO TEMA ALTRUÍSMO E UMA ANÁLISE SINTÁTICA-SEMÂNTICA

Antes de analisar as principais palavras dos capítulos 2 e 3 de Filipenses, é importante destacar que esse estudo visa uma aproximação semântica, pois cada língua possui suas nuances, e as palavras podem carregar significados sutis que possíveis de se perder nas traduções. Ao analisar um termo em sua língua original, podemos ter uma interpretação melhor. Isso se dá tanto pelo idioma diferente quanto pelo contexto histórico específico. As línguas estão enraizadas em contextos culturais e históricos peculiares, assim certos termos podem ter conotações culturais difíceis de traduzir diretamente. Ao estudar a língua original, pesquisadores podem mergulhar profundamente no contexto da redação, enriquecendo sua compreensão (WEGNER, 1998, p. 13).

2.1.1. SOBRE O CONCEITO DE MENTALIDADE

A palavra fundamental para o entendimento dos capítulos 2 e 3 é “phronein”. Esse verbo aparece 10 vezes na carta, contra 13 em todas as outras epístolas juntas. O uso bem recorrente demonstra uma grande ênfase e sua centralidade na mensagem contida em Filipenses.

Podemos descrever esse termo como um grande “guarda-chuva” que sobrepõem os demais conceitos transmitidos nessa passagem. É através dessa ação que aqueles irmãos responderiam ao chamado que Paulo estava fazendo a eles, assim ele não estava apelando a sua autoridade apostólica, mas sim à unidade de mentalidade que eles deveriam ter na prática por estarem em Cristo (MARTIN, 1985, p. 101). É traduzido também como “atitude”, o que transmite uma ideia bem atual que vai além pensar ou fazer isoladamente – é uma ideia ativa, uma maneira de pensar que leva a prática, de um determinado grupo de pessoas unidos em um estilo de vida específico (BIBO, 2020). Essa concepção está completamente relacionada ao propósito comum em sua vida comunitária (MARTIN, 1985, p. 102).

Essa atitude é um modo de pensar, estado de espírito, inteligência, bom senso, é julgar, dar atenção, cogitar, estar inclinado, uma mentalidade. Tendendo a conservar seu significado ordinário, depende do contexto para indicar seu verdadeiro sentido. Está relacionado, nos textos bíblicos, a motivação por trás dos alvos do cristão, e Paulo usa para exortar as pessoas a serem unidas e pensarem do mesmo modo (Rm 12.16; 15.5; 2Co 13.11; Gl 5.10; Fp 2.2; 4.2). Como em Filipenses, essas exortações geralmente são um contraponto a arrogância, assim não tem relação com a unidade pela unidade em si, mas em um modo de pensar fundamentado em Cristo, que é sobre quem a igreja está edificada.

Um destaque especial, se encontra no hino cristológico em 2.6-11 e em 2.5, onde é introduzido. Aqui pode-se interpretar como ter a mesma mentalidade de Cristo, seguindo-o como um paradigma exemplar, ou também como ter o mesmo modo de pensar que há em seu relacionamento com Cristo. Ou seja, aplique a sua atitude para com Deus em direção aos seus irmãos. Na prática o resultado é o mesmo, se direcionar aos outros em vez de ficar ensimesmado. Isso porque temos uma nova vida em Cristo, fruto de sua obra de esvaziamento, onde se humilhou por nós. Essa nova posição em Cristo cria e requer uma nova forma de pensar e de agir, que engloba de maneira concreta a unidade dos irmãos. É presumivelmente uma fórmula, um padrão, para a nova vida que o crente deve ter em Cristo.

Livres da mentalidade voltada apenas para as coisas terrenas, onde os seus pensamentos, esforços e vida seguiam na direção das coisas que são “meramente humanas, transitórias, terrestres” de acordo com Bultmann (apud BROWN, 2000, p. 1272). Por mais que possa ter a conotação de inteligência, “phronein” vai além de uma atividade do intelecto, tem mais relação com o conceito de vontade. É algo condutor, além de um mero interesse, é decisão, “tomar partido” de algo ou alguém (BROWN, 2000, p. 1270). Dessa maneira podemos entender que ou você “toma partido” das coisas de Deus ou das coisas terrenas – que estão em oposição a Deus.

Debaixo desse conceito de mentalidade, que define o modo de pensar e agir dos cristãos, existem termos que se contrapõem em um contraste evidente. Não podem coexistir dentro da mesma cosmovisão. Paulo apresenta uma série deles, tanto diretamente quanto indiretamente através dos paradigmas exemplares, formando um “padrão cristão” (Fp. 3.16-17).

2.1.2. SOBRE O CONCEITO DE EGOÍSMO VERSUS HUMILDADE

Os primeiros termos para se comparar são “egoísmo” e “humildade” – o segundo surgindo para ocupar o lugar do primeiro.

O termo “eritheia” é “rivalidade” ou “ambição egoísta”, descreve a natureza de quem não pode erguer seus olhos para as coisas mais elevadas, também traduzido como partidarismo. O apóstolo Paulo, ao escrever aos filipenses, encoraja os crentes a evitarem a armadilha da ambição egoísta, que poderia levar a ações motivadas por interesses próprios, em detrimento da comunidade. A "ambição egoísta" representa a busca desenfreada por autossatisfação, sem levar em conta o impacto nas vidas dos outros. Essa atitude contrasta diretamente com os princípios cristãos de amor e serviço ao próximo. A palavra grega "eritheia" sugere não apenas ações egoístas, mas também uma mentalidade que coloca os próprios interesses acima dos interesses coletivos.

De acordo com Ralph Martin, a solução é a humildade (*tapeinophrosyne*), que se dá na atitude de considerar os outros superiores a si. Essa humildade tem assonância com o verbo *phronein*. Em outras palavras, a atitude deve ser humildemente de interesse pelos outros. É um estilo de vida de humildade, que dentro do contexto greco-romano era humilhante, uma postura de servilismo, de alguém que era visto como um homem vil, de um escravo. Outra palavra que casa com esses conceitos é o verbo *skopein*, que tem um alvo, um objetivo sempre definido, pois denota "considerar como seu objetivo os outros". Isso seria impossível se eles estivessem mais preocupados com seus próprios interesses (MARTIN, 1985, p. 102).

“*Tapeinophrosyne*” significa “modéstia de espírito” e “humildade”. Era considerada uma vergonha, algo a ser evitado e superado por meio da ação e do pensamento. Contudo, em uma visão teocêntrica, o sentido passa a ser positivo, pois é uma posição correta diante de Deus – que é muito superior. A riqueza semântica da "humildade" transcende a mera modéstia externa; ela denota uma disposição interna de mente e coração. O termo grego "*tapeinophrosyne*" está profundamente enraizado em conceitos de moderação, gentileza e respeito pelos outros. Em sua essência, sugere uma atitude de deferência e reverência em relação aos demais, reconhecendo a dignidade intrínseca em cada ser humano. A humildade, conforme delineada em Filipenses, não é uma fraqueza, mas sim uma força, ela convida os crentes a abandonarem a busca por grandiosidade egoísta e a adotarem uma postura que reconheça a humanidade compartilhada. Ao considerar os outros como superiores a si mesmos, os cristãos são desafiados a enxergar além das diferenças superficiais e a reconhecer o valor inalienável presente em cada pessoa.

Em Filipenses 2.6-11, há uma descrição que Paulo faz da obra de Jesus. Desde o esvaziamento, passando por sua auto-humilhação, até sua exaltação por Deus Pai, que lhe deu uma nova vida sob seu governo (Fp. 2.10-11). O conceito de “humildade”, ou “humilhação”, compõem o contexto do serviço de Paulo e acompanham sua esperança escatológica, onde esse corpo será transformado (Fp 3.21) e passará por um processo de exaltação semelhante ao de Cristo – respeitando as diferenças ontológicas. Essa virtude corrobora para manter a unidade da igreja (BROWN, 2000, p. 977).

2.1.3. SOBRE O CONCEITO DE VANGLORIA VERSUS GLÓRIA

O segundo contraste que vamos analisar é entre “vangloria” (ou vaidade) e “gloria”. “Kenodoxia”, que é a vanglória, vaidade ou presunção, contrasta no grego com a palavra de uso frequente “doxa”, que é glória – se referindo a Deus Pai e Cristo (Fp. 1:11, 2:11, 3:21, 4:19, 20). Ou seja, “Kenodoxia” transmite a ideia presunçosa de tomar o lugar de Deus. Sendo uma inclinação orgulhosa de se tornar Deus – com um aspecto de condição auto assertivo que conduz ao desprezo ao próximo. Esse tipo de atitude devasta a unidade na vida comunitária (MARTIN, 1985, p. 102).

“Kenodoxia” é o desejo de elogio, presunção, vaidade, ilusão, a vontade vã de honra. Um fato curioso, é que foi na literatura cristã onde essa palavra foi utilizada primeiramente dessa maneira, pois no mundo greco-romano glória e a boa fama eram os valores mais importantes da vida. Entre os rabinos havia essa mesma lógica de busca por honrarias. “Doxa”, por sua vez, é a “glória”, citada no Novo Testamento como um fator divino-escatológico, uma esperança futura, abrangendo os homens e toda a criação (Rm 8:18, 21; 1 Co 15: 43 ; 2 Co 3:18; 4:17; Fp 3:21; Gl 3:4; 1 Pe 5:1). É a revelação transformadora da glória de Deus na criação (BROWN, 2000, p. 2581).

O termo "glória" refere-se à glória divina manifestada na encarnação de Jesus Cristo. A glória aqui está associada à excelência divina e à majestade, representando uma expressão sublime e transcendente. O texto destaca que Cristo não se apegou à Sua glória divina, mas, ao contrário, esvaziou-se e tomou a forma de servo, demonstrando a natureza altruísta e humilde da verdadeira grandeza.

Uma palavra que se relaciona com essa questão é “phainesthai”, que significa “aparecer, transmite a vida na igreja como uma luz num lugar escuro. Contudo, de acordo com Lohmeyer (apud MARTIN, 1985, p. 119), não é “brilhar” como quem produz uma luz em si mesmo (que seria phostères), mas ao sentido de refletir a glória de Deus. Outra interpretação é a de quem carrega luz

consigo, como luzeiros em seu ambiente – essa última interpretação denota ser “iluminado” num sentido de escolhidos., uma mentalidade rabínica de "carregadores de luzeiros" no mundo. Podendo ter um significado escatológico, onde Paulo denominaria os irmãos como comunidade eleita iluminada por Deus. Em Qumran havia esse sentido de "filhos da luz" como reivindicação pelos membros da aliança, também num sentido escatológico (MARTIN, 1985, p. 119). Nota-se esse conflito de interpretações entre ser luz como contraste e exemplo diante do mundo (que é como Jesus pregou no Sermão do Monte, Mt. 5.) ou no sentido de escolhidos. De qualquer forma, a aplicação prática redundava em uma forma de viver altruísta que contrasta.

Uma imagem que Paulo nos apresenta no capítulo 3 é a do “deus estomago”. Ela aparece e contrasta com o padrão cristão que busca o interesse de Deus e dos outros, é a figura ensimesmada de quem busca os seus próprios interesses, o "eu" como deus. Diante dessa figura há um julgamento escatológico, que é a perdição, pois o deus deles é a “koilia” (ventre), são as falsas noções antropológicas. É importante destacar que Paulo se refere a “crentes” quando usa essas duras palavras. São religiosos que caíram no engano e na idolatria própria (MARTIN, 1985, p. 159).

2.1.4. SOBRE O CONCEITO DE ESCRAVO VERSUS SENHOR

Em Filipenses 2, o conceito de “doulos”, que significa escravo, é utilizado em antítese direta com “kyrios”, que significa Senhor (MARTIN, 1985, p. 111).

Cristo se tornou “doulos”, assumiu "a forma de servo" (Fp 2.7). Isso tem um significado muito forte, pois o próprio Deus Todo-Poderoso, que sempre existiu, se fez escravo. Depois Deus Pai o exaltou a forma de Kyrios, que é o Senhor sobre todos – inclusive sobre o Imperador Romano, que era idolatrado na época. Esse conceito de adoração ao Imperador foi oriundo da filosofia, já que trazer a ordem e a paz eram creditados a figuras divinizadas (KOESTER, 2005, p. 37). Cristo Jesus serviu fielmente até a morte de cruz, que era algo completamente desprezível naquela sociedade, tanto no sentido do sofrimento físico quanto na humilhação social de passar pelo pior tipo de condenação. Essa expressão descreve a encarnação de Jesus Cristo como a mais profunda forma de auto humilhação. O conceito da palavra “doulos” está associado a escravidão, servidão, sujeição, sendo que Paulo se autointitulava como “escravo de Cristo” (Rm 1.1; Gl 1.10; Fp 1.1), servindo no evangelho (Fp 2.22). Todos os que seguem o evangelho de Jesus Cristo devem ter esse tipo de disposição mental de se tornar escravo dele. (BROWN, 2000, p. 671).

A palavra “Kyrios”, era usada para se referir aos imperadores romanos, como, por exemplo, Nero que era chamado de “Senhor de todo o Mundo” (54-68 d.C.). Contudo, Paulo glorifica Jesus como o kyrios. É uma exclamação confessional de que “Jesus é o Senhor”, que já ocorria antes dos escritos do apóstolo na comunidade da igreja primitiva. Jesus é descrito como o Soberano do mundo (Rm 10:9a; 1 Co 12:3; Fp 2:11), pois Deus Pai o ressuscitou e exaltou a essa posição universal de Senhor, já que “Deu-Lhe o nome que está acima de todo nome” (Fp 2:9).

Existia uma ênfase desse termo nas igrejas gentias. Isso teria ocorrido “dentro do inconsciente, nas profundidades da psique em grupo de uma comunidade; fica evidente em si mesmo, estava no ar, por assim dizer, que as comunidades cristãs helenísticas deram ao seu herói cultural o título de kyrios”. Esse mesmo Senhor é esperado, sua vinda, que é a “parousia” (2 Ts 2:1), sua manifestação, o encontro com Ele, Sua proximidade, e da Sua revelação celestial (1 Co 4:5; Fp 4:5; 1 Ts 6:16-17; Tg 5:7-8). É parte essencial dessa linguagem escatológica (BROWN, 2000, p. 2316).

Dentro do contexto de escravo, Timóteo é apresentado como quem tem a mesma mente de Paulo e Epafrodito como parte da família de Deus, cooperador e a liturgia em si.

Em 2.20 Paulo recomenda Timóteo para a congregação como alguém que tinha, de forma plena, uma mesma mente (isopsychos) e era um companheiro confiável. (MARTIN, 1985, p. 131). Essa palavra surgiu no sentido de uma regra de divisão de espólio de guerra, que consistia em uma divisão precisa, não apenas da quantidade, mas especialmente do valor dos objetos. Passando a denotar igualdade numérica, substancial, política e legal (BROWN, 2000). Ou seja, Paulo não se via como superior a Timóteo no serviço ao Senhor, mas com igualdade na qualidade de escravos. Tanto é que no primeiro versículo da carta está escrito “Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus (Filipenses 1.1 NVI).

Epafrodito por sua vez, arriscou a sua vida por amor a Cristo. Além de mensageiro, ele havia se tornado “leitourgos” deles (Fp. 2.25), assim a presença dele cobria a ausência dos filipenses (MARTIN, 1985, p. 137). “Leitourgos” significa “auxiliar”, no sentido de prestar um serviço. Ele, como escravo de Cristo, serviu Paulo em um momento de necessidade, quando a igreja de Filipos não era capaz de prestar (2.30). Em outras palavras, ele era a figuração do próprio serviço sacrificial ao Senhor (BROWN, 2000, p. 2348). Esse conceito de liturgia foi herdado da cultura helenista, onde carregava o conceito de se entregar ao serviço para o Estado (BARCLAY, 1985, p. 125). Isso casa bem com a ideia da cidadania celestial apontada por Paulo (Fp. 3.20).

2.1.5. SOBRE O CONCEITO DE PERDA E LUCRO

No capítulo 3, vemos Paulo apresentando seu testemunho e no meio desse discurso há um forte contraste entre “perda” e “lucro”. Ele expressa uma mudança mental que gerou uma troca de valores, onde ele enxergava lucro, passou a ver prejuízo. Isso se deu por encontrar um valor muito superior, o conhecimento de Cristo.

A palavra para lucro é “Kerde”, no plural, denotando que eram vários aspectos que concediam essa posição de vantagem. O termo utilizado para perda é “Ximían”. Ambas as palavras são substantivas, nomeando dessa forma “tudo”. Todas as coisas, sem exceção, passaram a ser nominadas como perda comparadas a Cristo. Esse trecho revela a perspectiva única do apóstolo Paulo sobre valores e prioridades, oferecendo uma visão cristã profunda sobre o que verdadeiramente importa na vida. Ao declarar que tudo o que antes considerava ganho pessoal, ele agora encara como perda, Paulo destaca o desprendimento de bens materiais e realizações terrenas em comparação com a excelência do conhecimento de Cristo. A palavra "kerdos" refere-se a um ganho ou benefício, muitas vezes associado a conquistas materiais, posição social ou realizações humanas. Contudo, Paulo, ao contrastá-la com “Ximían” ressalta a relatividade e a transitoriedade dessas conquistas em comparação com o valor eterno encontrado em Cristo (MARTIN, 1985, p. 143).

2.1.6. SOBRE O CONCEITO DE ALEGRIA

A alegria está relacionada com uma mensagem escatológica, o estar em Cristo e a esperança que há na pessoa dele. Afinal, a mensagem do evangelho é de boas novas, cheia de alegria e esperança. Nas epístolas de Paulo a alegria surge em paradoxo com a tristeza e o sofrimento e é justamente diante dessas circunstâncias que a alegria se mostra poderosa, pois sua fonte não é terrena e humana, mas vem do Kyrios, o Senhor – é algo recebido graciosamente. Em Filipenses, Paulo exorta aos irmãos a viverem essa alegria, que é a palavra “chara” (Fp 3:1), “Este aguardar com alegria e confiança do dia de Cristo coloca a nossa experiência atual na sua verdadeira perspectiva”.

Aqui, a "alegria" não é meramente um estado emocional contingente, mas uma resposta específica à realidade da fé em Cristo. A palavra "chara" sugere uma alegria que transcende as circunstâncias externas, pois sua fonte está ancorada na relação com o Senhor. Ao exortar os

filipenses a se alegrarem no Senhor, Paulo está chamando a atenção para uma fonte de alegria que é inabalável, e essa alegria não é dependente das flutuações da vida, mas é enraizada na certeza da redenção e da comunhão com Deus. É uma alegria que pode coexistir com as adversidades, pois vai além das circunstâncias temporais. Também implica uma alegria compartilhada na comunidade cristã, afinal a expressão coletiva dessa alegria sugere uma unidade profunda entre os crentes, que encontram alegria não apenas individualmente, mas também na comunhão uns com os outros no Senhor (BROWN, 2000, p. 128).

2.2. UM COMPARATIVO DAS TRADUÇÕES BÍBLICAS DESSES TERMOS EM PORTUGUÊS

TERMOS	V. DE EXEMPLO	ARA	NAA	NVI	NVT	NTLH	BJ
“Phronein”	Fp. 2.5	Sentimento	Modo de pensar	Atitude	Atitude	Modo de pensar	Sentimento
“Eritheia” e “tapeinophrosyne”	Fp. 2.3	Partidarismo e humildade	Interesse pessoal e humildade	Ambição egoísta e humildemente	Egoístas e humildes	Interesse pessoal e humildes	Competição e humildade
“kenodoxia” e “doxa”	Fp. 2.3 e 11	Vangloria e Gloria”	Vaidade e Gloria	Vaidade e Gloria	Tentem impressionar e Gloria”	Desejos tolos de receber elogios e Gloria	Vangloria e Gloria”
“doulos” e “kyrios”	Fp. 2.7 e 11	Servo e Senhor	Servo e Senhor	Servo e Senhor	Servo e Senhor	Servo e Senhor	Servo e Senhor
“Kerde” e “Ximían”	Fp. 3.7	Lucro e perda	Lucro e perda	Lucro e perda	Lucro e perda	Valiam e não tem nenhum valor.	Lucro e perda
“Chara”	Fp. 3.1	Alegrai-vos	Alegrem-se	Alegrem-se	Alegrem-se	Sejam alegres	Regozijai-vos

Com base na tabela acima, podemos visualizar a predominância de um padrão de concordância entre as traduções nos termos “tapeinophrosyne”, “doxa”, “chara” “kerde” e

“ximían”, “doulos” e “kyrios” – no caso de “doulos”, evitando a palavra “escravo”, possivelmente por ter uma conotação bem negativa devido ao contexto histórico brasileiro. Infelizmente isso gera uma perda da força do sentido original do texto, conforme o que visto anteriormente.

Porém, nos termos “phronein”, “rritheia”, “kenodoxia” há variações consideráveis. Com relação ao primeiro desses termos, a tradução ARA e a BJ acabam usando um termo que não expressa o sentido tão bem (“sentimento”). A NAA e a NTLH, usam um sentido bem mais próximo do original (“modo de pensar”). Contudo, dentro do contexto da carta, as traduções NVI e NVT carregam muito mais o sentido prático exposto por Paulo em Filipenses (“atitude”).

O termo “eritheia” foi traduzido de diversas formas, mas todas trazem – ainda que de maneira incompleta – a conotação original (“partidarismo”, “interesse pessoal”, “ambição egoísta”, “egoístas” e “competição”). O mesmo pode ser dito do termo “kenodoxia”, todas as versões estão muito boas (“vangloria”, “ vaidade”, “tentem impressionar” e “desejos tolos de receber elogios”). Apesar da tradução como “vangloria” da ARA e da BJ demonstrar melhor o jogo de palavras que é o contraste com a palavra “gloria”.

2.3. INTERPRETAÇÃO GERAL DO TEMA ALTRUÍSMO NA PERÍCOPE COM BASE NOS TERMOS CHAVE

Os termos-chave dessa passagem, que tem relação direta ao tema altruísmo, manifestam um modo de pensar sacrificial. Não é uma mentalidade em harmonia com a visão greco-romana de buscar glória e honrarias para si. É um padrão de vida de entrega, de auto esquecimento (no bom sentido) em prol do evangelho – em um vislumbre escatológico.

É um padrão mental cristão, que é altruísta, pois abrange a oposição ao egoísmo e a vanglória, através do humilde serviço ao Senhor, em reconhecimento e expectativa da sua glória. Entendendo que o verdadeiro lucro, o genuíno ganho, se encontra somente no conhecimento da pessoa de Cristo, tudo passa a não ter valor palpável, o terreno passa a ser esvaecido, se dissipa diante da realidade gloriosa da alegria contida no evangelho de Cristo. Contudo, a vida terrena passa a ter novas cores vibrantes. Onde faz sentido amar ao próximo, buscar o interesse dos outros acima dos seus. Onde não há mais o vazio da vanglória a ser preenchido incessantemente, pois Cristo preenche todo o significado da existência. O sentido da vida se torna Cristo, a alegria passa a ser a própria liturgia, o serviço cultural ao Senhor de todo o universo. Nesse contexto a unidade frutifica.

3. O DISCURSO ALTRUÍSTA EM FILIPENSES

Neste capítulo será exposto uma síntese teológica dessa passagem acerca do tema altruísmo, refletindo as análises anteriores e baseado em Ralph Martin e Gordon Fee. Além de especificar a exortação ao altruísmo, os paradigmas de Cristo, Paulo e Epafrodito. E por último, será abordado o padrão cristão altruísta em contraste com padrão egoísta anticristão.

3.1. UMA EXORTAÇÃO AO ALTRUÍSMO

Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a vocês mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros (Filipenses 2:3-4 NVI).

A carta aos Filipenses, escrita por Paulo, oferece uma mensagem teológica muito valiosa e prática. Filipenses 2:3-4, em particular, expressa uma preocupação primordial do apóstolo pela unidade em Cristo. União que objetivava viver um padrão de conduta que partia de uma mentalidade estabelecida pelo vínculo do Deus triuno. Lembrando, Filipos era uma cidade caracterizada por sua diversidade cultural e social, imersa em valores que promoviam uma busca individualista de posição e reconhecimento exacerbado, que é vanglória – uma glória vazia. Nesse cenário, a mensagem de Paulo em Filipenses 2:3-4 é contracultural.

A exortação para nada fazerem por ambição egoísta ou por vanglória, mas sim para considerarem os outros superiores a si mesmos, desafiou diretamente o padrão predominante. A igreja em Filipos foi desafiada a abandonar a mentalidade egocêntrica e a viver um padrão altruísta, de humildade e serviço mútuo. Isso não era apenas um ideal abstrato, era um chamado prático para transformar as interações diárias e os relacionamentos dentro da comunidade cristã (FEE, 2022, p. 41).

3.1.1 SOBRE DEIXAR A FALSA GLÓRIA

A segunda parte do versículo, "mas humildemente considerem os outros superiores a vocês mesmos", introduziu um conceito radical: humildade, frequentemente vista como fraqueza na sociedade greco-romana, foi apresentada como uma virtude poderosa. Considerar os outros como superiores não era uma sugestão comum em uma cultura onde a competição e a autopromoção eram altamente valorizadas.

Ao fazer isso, Paulo não apenas desafiou as convenções culturais, mas também ofereceu uma visão alternativa de relacionamentos interpessoais. A humildade, nesse contexto, não significava uma resignação passiva, mas uma escolha ativa de valorizar os outros e cultivar relacionamentos baseados no respeito mútuo.

Filipenses 2:3 representa um desvio audacioso das normas culturais, propondo uma ética que não busca a exaltação própria, mas sim a construção de comunidades fundamentadas em Cristo. Nesse contexto, a humildade não era apenas uma virtude pessoal; era uma visão radicalmente diferente de como as pessoas deveriam se relacionar umas com as outras. Ou seja, era uma proposta social.

É importante destacar esse aspecto social, pois era um chamado à comunidade, a igreja em Filipos como um todo deveria viver esse estilo de vida, essa atitude prática de pensar e viver. Se aplicasse esses princípios, ela experimentaria uma mudança palpável em sua dinâmica interna – que é o foco dessa passagem. A ênfase na consideração mútua fortaleceria os laços entre os membros, criando uma comunidade mais unida e solidária. Seria um padrão de conduta congruente com Cristo. Isso contribuiria para o avanço do evangelho naquela região, como um farol altruísta no contexto desafiador em que estava inserida (MARTIN, 1985, p. 102).

3.1.2 SOBRE A VERDADEIRA GLÓRIA NO PRESENTE

Assim, meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele. Façam tudo sem queixas nem discussões, para que venham a tornar-se puros e irrepreensíveis, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e depravada, na qual vocês brilham como estrelas no universo (Filipenses 2:12-15 NVI).

A passagem de Filipenses 2:12-13 apresenta uma instrução poderosa que destaca o papel ativo dos crentes no seu desenvolvimento espiritual. A expressão "brilhando como estrelas" surge como uma metáfora impactante, sobre a responsabilidade e a colaboração entre os crentes e Deus.

O apóstolo Paulo começa com a exortação para que os filipenses trabalhem na sua salvação com temor e tremor. Isso não implica uma salvação baseada em méritos pessoais, mas sim uma participação ativa e altruísta no processo de crescimento espiritual. A imagem de trabalhar na

salvação reflete um comprometimento constante e diligente com a fé, indicando que o desenvolvimento espiritual requer esforço e dedicação.

A metáfora "brilhando como estrelas no universo" é intrinsecamente ligada ao conceito de trabalhar na salvação. As estrelas, com sua luz radiante, não apenas iluminam a escuridão, mas também são símbolos de beleza e guia. Da mesma forma, os crentes são chamados a brilhar com a luz da verdade, amor e justiça, destacando-se em meio à escuridão do mundo com essa nova forma de viver altruísta.

A colaboração entre os crentes e Deus é fundamental nesse processo, e Filipenses 2:13 enfatiza que é Deus quem opera em nós tanto o querer quanto o efetuar, conforme Sua boa vontade. Aqui, nota-se uma bela sinergia entre a ação humana e a obra divina, os crentes não estão sozinhos em sua busca espiritual: eles são capacitados e guiados pelo próprio Deus.

Essa parceria sugere que o brilhar como estrelas não é uma jornada solitária, mas uma colaboração constante entre a vontade humana e a obra divina. À medida que os crentes trabalham diligentemente em sua fé, permitindo que Deus opere em suas vidas, tornam-se fontes luminosas de esperança, inspiração e transformação na esfera em que estão inseridos.

Ao trabalhar na salvação com temor e tremor, os crentes não apenas crescem em sua fé, mas também brilham como estrelas, irradiando a luz divina em um mundo que anseia por esperança e orientação. Essa é a verdadeira glória, que substitui a falsa. Viver assim é se entregar em favor dos outros, não de si (FEE, 2022, p. 210).

3.1.3 SOBRE A VERDADEIRA GLÓRIA NO FUTURO

A nossa cidadania, porém, está nos céus, de onde esperamos ansiosamente um Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Pelo poder que o capacita a colocar todas as coisas debaixo do seu domínio, ele transformará os nossos corpos humilhados, para serem semelhantes ao seu corpo glorioso (Filipenses 3.20-21 NVI).

O final de Filipenses 3 contém fortes elementos escatológicos que oferecem uma perspectiva da glória futura, incentivando os crentes a olharem para além das circunstâncias presentes em direção à esperança do porvir. O apóstolo Paulo, ao abordar temas escatológicos nesse capítulo, busca inspirar os filipenses a viverem com um foco eterno diante das oposições e sofrimentos. Paulo começa alertando contra a confiança na carne, enfatizando que mesmo suas realizações religiosas e culturais não são a base de sua esperança. Em vez disso, ele destaca a busca

pela justiça que vem pela fé em Cristo. Essa perspectiva escatológica sugere que a verdadeira realização e justiça – a verdadeira glória – serão plenamente alcançadas na consumação escatológica, quando Cristo retornar.

O versículo 20 destaca vividamente esse aspecto ao mencionar que nossa cidadania está nos céus e aguardamos avidamente o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Isso aponta para a esperança cristã de um futuro glorioso, onde os crentes serão reunidos com Cristo em uma comunhão celestial. Essa expectativa transcende todos os aspectos da vida terrena, incentivando os crentes a viverem com uma perspectiva eterna.

A ênfase na transformação do corpo em conformidade com o corpo glorioso de Cristo, conforme mencionado nos versículos 21 e 22, sugere não apenas a renovação da criação, mas também a glorificação dos crentes, apontando para a plenitude da redenção que será realizada no retorno de Cristo. Isso é um lembrete importantíssimo de que a esperança cristã está ancorada não apenas nas circunstâncias atuais, mas na promessa certa de um futuro glorioso em Cristo. Essa perspectiva escatológica influencia não apenas a maneira como os crentes enfrentam desafios, mas também como vivem de maneira altruísta visando o eterno, alinhados com a esperança que transcende a temporalidade (FEE, 2022, p. 217).

3.2. EXEMPLO DE CRISTO, PAULO, TIMÓTEO E EPAFRODITO

Como exposto no capítulo 1 deste presente trabalho, como carta de amizade e exortação, Paulo se vale de paradigmas de exemplo para a igreja em Filipos. A seguir será analisando cada um desses exemplos tão inspiradores e práticos (FEE, 2022, p. 11).

3.2.1 SOBRE O PARADIGMA DE CRISTO

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai (Filipenses 2:5-11 NVI).

O versículo inicial dessa passagem é extremamente importante, sem dúvida o centro de toda a mensagem contida nesses dois capítulos: “Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus”. No contexto histórico em que Paulo escreveu aos Filipenses, provavelmente durante seu encarceramento em Roma no primeiro século, a comunidade cristã enfrentava desafios diversos. A mensagem de Filipenses 2:5 ecoou como um chamado a uma atitude de unidade e identidade em Cristo diante de um ambiente social e cultural intenso.

Ao incentivar os filipenses a terem em si o mesmo sentimento que estava em Cristo Jesus, Paulo estava destacando a importância de internalizar a mentalidade e o exemplo de Cristo. Isso não era apenas uma sugestão ética; era uma orientação teológica profunda. No contexto de perseguições e pressões externas, a comunidade cristã precisava se manter arraigada em sua fé e centrada no exemplo de Cristo como modelo de humildade, sacrifício e serviço desinteressado.

A referência a Cristo Jesus nesse versículo ressoava com a compreensão da comunidade sobre a encarnação e a natureza redentora de Cristo. Era um chamado para os filipenses não apenas adotarem uma ética altruística, mas também para abraçarem a radicalidade da encarnação, onde o Filho de Deus se esvaziou, assumindo a forma de servo.

Em um contexto em que a sociedade romana valorizava a grandiosidade e o poder, a mensagem de Filipenses 2:5 desafiava a comunidade cristã a encontrar sua identidade na humildade e na disposição para servir. Portanto, foi um chamado teológico à conformidade com o exemplo de Cristo, proporcionando uma base sólida para a identidade e missão da comunidade cristã no contexto greco-romano.

Cristo é o principal paradigma exemplar prático para os cristãos, fornecendo um modelo tangível de humildade e serviço. O texto, conhecido como o Hino Cristológico, não apenas descreve teoricamente a natureza de Cristo, mas também destaca como essa natureza deve ser incorporada na vida cotidiana dos seguidores de Cristo.

O paradigma exemplar começa com a instrução para que os crentes tenham em si mesmos o mesmo modo de pensar que estava em Cristo Jesus. Isso implica mais do que uma simples imitação externa; é um convite para que a mentalidade de Cristo permeie todas as áreas da vida. É uma nova mentalidade que muda completamente a maneira de viver e de enxergar tudo. A humildade de Cristo, exemplificada por sua disposição em esvaziar-se e assumir a forma de escravo, é apresentada como algo não apenas admirável, mas que deveria ser seguido.

O hino cristológico presente em Filipenses 2:5-11 é um notável exemplo de paradigma exemplar na teologia cristã, oferecendo uma visão profunda da natureza e do papel de Cristo na doutrina cristã. Esse hino é uma expressão graciosa que resume o ensinamento paulino sobre a pessoa de Jesus Cristo e da natureza divina (HAWTHORNE, 2008, p. 300).

A ênfase na atitude mental de Cristo, sua disposição para se esvaziar e assumir a forma de servo redefine radicalmente as noções convencionais de poder e grandeza. O paradigma exemplar apresentado no hino destaca a encarnação como o ápice da humildade divina. Ao despir-se de sua glória celestial, Cristo oferece um modelo extraordinário de renúncia e serviço. Isso desafia não apenas a mentalidade contemporânea de Filipos, mas também estabelece um padrão duradouro para a conduta cristã em todas as épocas.

A narrativa culmina na exaltação de Cristo por Deus Pai, sublinhando que a humilhação precedente foi seguida pela mais alta exaltação. Essa dinâmica de humildade e exaltação forma o cerne do paradigma exemplar, indicando que a verdadeira grandeza vem não da busca egoísta de reconhecimento, mas do serviço altruísta e da submissão à vontade divina.

Essa perspectiva oferece encorajamento aos cristãos em suas jornadas altruístas, lembrando que sua fidelidade será recompensada. Desafiando a um viver de maneira coerente com a humildade e o serviço que Cristo exemplificou, trazendo uma transformação tangível aos seus relacionamentos comunitários (FEE, 2022, p. 217).

3.2.2 SOBRE O PARADIGMA DE PAULO

Retendo firmemente a palavra da vida. Assim, no dia de Cristo, eu me orgulharei de não ter corrido nem me esforçado inutilmente. Contudo, mesmo que eu esteja sendo derramado como oferta de bebida sobre o serviço que provém da fé que vocês têm, o sacrifício que oferecem a Deus, estou alegre e me regozijo com todos vocês (Filipenses 2:16-17 NVI).

Mas o que para mim era lucro passei a considerar como perda, por causa de Cristo. Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo e ser encontrado nele, não tendo a minha própria justiça que procede da Lei, mas a que vem mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus e se baseia na fé. Quero conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição e a participação em seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte para, de alguma forma, alcançar a ressurreição dentre os mortos. Não que

eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo, pois para isso também fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus (Filipenses 3:7-14 NVI).

O apóstolo Paulo também se coloca como um paradigma exemplar em Filipenses, nos versículos 17-18 do capítulo 2 e nos versículos 4-17 do capítulo 3. Diante da ameaça potencial dos opositores que poderiam interferir no avanço do evangelho na igreja em Filipos, Paulo também se coloca como um modelo de padrão de entrega total (BORING, 2016, p. 378).

No capítulo 2, ele expressa sua prontidão para ser oferecido como sacrifício na fé dos filipenses, destacando seu comprometimento com a missão cristã. Sua disposição para dar a própria vida em serviço reflete a profunda entrega ao propósito de divulgar o evangelho.

No capítulo 3, Paulo compartilha seu próprio processo de conversão. Inicialmente confiante em suas realizações, ele considera tudo como perda em comparação com o conhecimento de Cristo. Aqui, se torna um exemplo de altruísmo, renúncia e busca pela justiça que ultrapassa a observância da lei. Sua experiência de abandonar a confiança nas obras em favor da fé em Cristo é uma inspiração para os crentes.

Além disso, nos versículos 12-17 do capítulo 3, Paulo destaca a perseverança como parte fundamental da jornada cristã. Ele utiliza a metáfora da corrida para ilustrar a importância de seguir em frente, esquecendo o que está para trás e alcançando o prêmio da chamada celestial em Cristo Jesus. Assim, Paulo não apenas ensina, mas também vive como um exemplo de alguém que superou desafios, manteve a fé e buscou incessantemente o conhecer a Cristo. Ou seja, tanto em sua disposição para sacrificar-se pela fé quanto em seu processo pessoal de renúncia e perseverança, Paulo se destaca como um exemplo vivo do Padrão Cristão altruísta (FEE, 2022, p. 284).

3.2.3 SOBRE O PARADIGMA DE TIMÓTEO

Espero no Senhor Jesus enviar Timóteo brevemente, para que eu também me sinta animado quando receber notícias de vocês. Não tenho ninguém que, como ele, tenha interesse sincero pelo bem-estar de vocês, pois todos buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo. Mas vocês sabem que Timóteo foi aprovado porque serviu comigo no trabalho do evangelho como um filho ao lado de seu pai. Portanto, é ele quem espero enviar, tão logo me certifique da minha situação, confiando no Senhor que em breve também poderei ir (Filipenses 2:19-24 NVI).

Dentro do contexto da carta aos Filipenses, Timóteo é mencionado como um paradigma exemplar prático também, personificando os princípios do altruísmo, que são serviço, humildade e dedicação que Paulo falara anteriormente. A presença de Timóteo na narrativa de Filipenses 2 enriquece a compreensão do que significa viver o Padrão cristão de maneira coerente.

O apóstolo elogia Timóteo como alguém que genuinamente se preocupa com o bem-estar dos outros. Paulo destaca a preocupação de Timóteo não apenas pelos próprios interesses, mas pelos interesses de Jesus Cristo. Essa atitude ressoa com a instrução central de considerar os outros como superiores a si mesmo, revelando Timóteo como um exemplo prático dessa virtude.

A devoção e a dedicação de Timóteo à obra do Evangelho também são evidentes, pois Paulo o descreve como alguém que serviu fielmente com ele na propagação do Evangelho. Essa parceria não foi apenas uma colaboração superficial; foi um testemunho tangível de serviço abnegado. Timóteo, ao lado de Paulo, não apenas compartilhava a mensagem, mas também vivia-a, tornando-se um modelo prático para os filipenses e para todos os que buscam seguir os passos de Cristo como escravos do Senhor.

A recomendação de Paulo sobre enviar Timóteo a Filipos revela a confiança que ele depositava no caráter e nas habilidades práticas de Timóteo. Sua disposição em servir não apenas quando estava presente, mas também quando ausente, reflete um compromisso genuíno com a obra de Deus. Timóteo, ao aceitar essa missão, demonstra uma prontidão em sacrificar seus próprios interesses em prol do serviço ao Reino (FEE, 2022, p. 300).

3.2.4 SOBRE O PARADIGMA DE EPAFRODITO

Contudo, penso que será necessário enviar de volta a vocês Epafrodito, meu irmão, cooperador e companheiro de lutas, mensageiro que vocês enviaram para atender às minhas necessidades. Pois ele tem saudade de todos vocês e está angustiado porque ficaram sabendo que ele esteve doente. De fato, ficou doente e quase morreu. Mas Deus teve misericórdia dele, e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza. Por isso, logo o enviarei, para que, quando o virem novamente, fiquem alegres e eu tenha menos tristeza. E peço que vocês o recebam no Senhor com grande alegria e honrem homens como este, porque ele quase morreu por amor à causa de Cristo, arriscando a vida para suprir a ajuda que vocês não me podiam dar (Filipenses 2:25-30 NVI)

No cenário da carta aos Filipenses, Epafrodito é outro paradigma exemplar de serviço abnegado e liturgia prática, personificando os princípios fundamentais destacados por Paulo. Seu

papel na narrativa não apenas ilustra a qualidade do serviço cristão, mas também lança luz sobre a conexão entre a vida cotidiana e a adoração a Deus.

Paulo descreve Epafrodito como um irmão, colaborador e companheiro de lutas. Essa introdução evidencia uma parceria significativa, não apenas na esfera espiritual, mas também nas experiências diárias. Epafrodito não é apenas um coadjuvante na missão; ele é um colega ativo, vivendo os desafios e triunfos do serviço cristão ao lado de Paulo.

A notável disposição de Epafrodito em arriscar a própria vida para suprir as necessidades de Paulo é um testemunho prático de serviço altruísta. Paulo destaca que Epafrodito esteve à beira da morte, não hesitando em arriscar sua saúde e segurança para cumprir a missão que lhe fora confiada. Essa dedicação não é apenas um exemplo de generosidade, mas também uma manifestação concreta de amor e serviço a Deus através do serviço aos outros.

Epafrodito, ao servir de maneira tão abnegada, oferece uma liturgia viva, um culto que vai além das palavras e alcança as ações. Sua vida prática, marcada pela disposição de se sacrificar pelos outros, não apenas ilustra os princípios fundamentais do serviço cristão, mas também desafia a dicotomia entre adoração formal e serviço diário. Ao servir como um verdadeiro adorador em espírito e em verdade, inspira os cristãos a abraçarem uma abordagem holística da liturgia, onde o serviço a Deus é inseparável do serviço aos outros (FEE, 2022, p. 312).

3.3. PADRÃO CRISTÃO ALTRUÍSTA E EGOÍSTA ANTICRISTÃO.

Todos nós que alcançamos a maturidade devemos ver as coisas dessa forma, e, se em algum aspecto, vocês pensam de modo diferente, isso também Deus esclarecerá. Tão somente vivamos de acordo com o que já alcançamos. Irmãos, sigam unidos o meu exemplo e observem os que vivem de acordo com o padrão que apresentamos a vocês. Pois, como já disse repetidas vezes, e agora repito com lágrimas, há muitos que vivem como inimigos da cruz de Cristo. O destino deles é a perdição, o seu deus é o estômago, e eles têm orgulho do que é vergonhoso; só pensam nas coisas terrenas (Filipenses 3:15-19 NVI).

O termo "padrão" em Filipenses 3:16 e 17, oferece uma perspectiva rica sobre a abordagem cristã à maturidade espiritual e à conduta ética. No contexto desse versículo, Paulo está instando os filipenses a manterem uma mente unânime e a seguirem o "mesmo padrão de conduta". O termo grego usado no versículo 16 aqui é "kanon," que se refere a uma regra, medida ou padrão. Paulo está, essencialmente, chamando os crentes a andarem segundo a um conjunto de princípios éticos

e morais que delineiam a vida cristã. Este "padrão de conduta" não é arbitrário; é moldado pelos ensinamentos de Cristo e pelos valores do Evangelho.

A palavra "kanon" sugere uma abordagem consistente e alinhada à verdade revelada. Ele está incentivando os crentes a se apegarem a um conjunto de normas divinamente estabelecidas, evitando desvios ou distorções. Este "padrão" serve como um guia para a vida cristã, oferecendo direção e coesão à comunidade de fé. Ele usava essa palavra raramente, mas quando a usava era no sentido de medida para avaliar a si mesmo e aos outros buscando esse padrão de conduta alinhado à nova realidade em Cristo (KITTEL, 2013, p. 458). A ideia de um "padrão" também implica uma referência constante a algo fixo e confiável. Contudo existem variantes textuais que não possuem essa palavra, sendo essas as mais antigas. Devido ao estilo conciso desse versículo, possivelmente os copistas adicionaram essa palavra posteriormente para explicar melhor o sentido do texto (OMANSON, 2010, p. 418). Sem a adição dessa palavra, o texto se apresenta de acordo com a maioria das traduções para o português, como a NVI propõem: “Tão somente vivamos de acordo com o que já alcançamos”, com a adição fica como a tradução ARC, por exemplo, “andemos segundo a mesma regra”. A BJ sugere o uso da palavra “rumo”, que dá um sentido interessante de não se perder no caminho.

No versículo 17, por sua vez, a palavra em questão é “tupos”, que pode ser traduzida como "modelo" (OLIVETTI, 2008, p. 747). Essa palavra implica algo que é um padrão a ser seguido ou imitado. É nessa palavra que pode-se firmar de maneira mais certa o conceito de um paradigma de exemplo de Jesus Cristo e do modelo do próprio evangelho em si. Neste contexto, Paulo está indicando que os crentes devem buscar a consistência e estabilidade na sua fé e prática. Esse "padrão de conduta" não está sujeito a mudanças arbitrárias, mas é fundamentado nos princípios imutáveis do Evangelho (CHAMPLIN, 1980, p. 49).

Portanto, o "padrão" mencionado por Paulo é um chamado à unidade em torno desses princípios, evitando desvios e garantindo uma abordagem consistente da fé. Essa ideia de "padrão" não apenas oferece orientação prática, mas também reflete a busca pela fidelidade aos ensinamentos de Cristo e parte com Deus na esperança futura.

Contudo, Paulo adverte sobre oponentes que adoravam o "deus estômago," uma expressão que revela atitudes e valores que contradizem os princípios cristãos. Esses adversários podem ter representado uma influência desafiadora para a comunidade cristã em Filipos. A referência ao "deus estômago" pode apontar para uma busca excessiva de prazer pessoal e indulgência, onde os desejos

físicos e materiais ocupam um lugar central. Essa abordagem contrasta diretamente com a ênfase cristã na humildade, serviço e sacrifício, sugerindo que esses opositores estavam mais preocupados com a gratificação pessoal do que com a adesão aos princípios do Evangelho.

A adoração ao "deus estômago" simboliza uma mentalidade egocêntrica, onde os desejos pessoais são colocados acima dos valores espirituais e éticos, é a idolatria do próprio "eu". Essa ênfase excessiva no prazer físico e na segurança em aspectos terrenos pode ter representado um desafio à renúncia e ao chamado à autonegação que são inerentes à vida cristã. Lembrando que o contexto do período era de oposição romana externa. Essa oposição interna poderia ser uma resposta a afrouxar o padrão para algo mais palatável (MARTIN, 1985, p. 160).

Ao alertar sobre esses opositores, Paulo destaca a importância de manter um foco espiritual e de não permitir que valores contrários aos do Evangelho influenciem a comunidade cristã. A ênfase nos princípios do "deus estômago" pode ter minado a unidade da comunidade e desviado os crentes dos valores fundamentais do cristianismo.

Isso destaca a necessidade de discernimento espiritual, resistência aos valores mundanos e a busca constante por viver de acordo com os princípios do Evangelho, em vez de sucumbir às tentações da busca excessiva por prazer e conforto pessoal – especialmente em meio as circunstâncias difíceis da vida.

Um fato importante a se destacar é que Paulo menciona que fala disso aos prantos. Percebemos não apenas a firmeza nas palavras dele em relação aos "inimigos da cruz", mas também uma profunda emoção que transcende o texto. É como se pudéssemos sentir o peso de suas lágrimas ao escrever sobre aqueles que, inadvertidamente, se tornaram oponentes do evangelho. Essas lágrimas, de uma tristeza compassiva, ecoam o desejo fervoroso de Paulo pela salvação daqueles que estão desviados. Suas palavras, tingidas com a emoção do choro, revelam não apenas a convicção teológica, mas a profunda paixão pela reconciliação de almas com o sacrifício redentor da cruz. É esse o tom que o apóstolo emprega ao se referir a esses opositores internos (FEE, 2022, p. 421).

4. O PADRÃO CRISTÃO PARA OS DIAS DE HOJE

A mensagem de Filipenses sobre o altruísmo e a humildade ressoa de maneira atemporal, oferecendo orientação valiosa para os desafios contemporâneos da igreja, inspirando uma vida dedicada aos outros em meio a um discurso que frequentemente egocêntrico (MARTINS, 2023, p. 175).

4.1. INCONGRUÊNCIA DOS CRISTÃOS

A carta aos filipenses relatava sobre os que viviam de maneira oposta ao ensino, ao padrão, que ele os estava instruindo, que era um modo de vida completamente altruísta, como vimos até então. Se voltarmos à filosofia de Auguste Comte, veremos que ele fazia uma forte crítica ao pensamento teológico, não apenas por ele não crer em Deus, mas também por visualizar uma prática individualista dos cristãos.

É importante destacar que Comte era francês, conhecia bem os efeitos que discordâncias teológicas haviam produzido na Europa, ele menciona isso especificamente em seus escritos. Como, por exemplo, quando diz:

Considerado especialmente quanto à ordem, o espírito positivo apresente hoje, em sua extensão social, poderosas garantias diretas, não só científicas mas também lógicas, que logo poderão ser julgadas muito superiores às vãs pretensões de uma teologia retrógrada, que há vários séculos se degenera cada vez mais em elemento ativo de discórdias, individuais ou nacionais, já incapazes de conter as divagações dos seus próprios adeptos. Atacando a desordem atual em sua verdadeira fonte, necessariamente mental (COMTE, 1973, p. 105).

Por mais utópica que pareça hoje, ele buscava o bem moral da sociedade através dessa nova mentalidade positiva. É curioso que ele faz esse contraponto exatamente no cerne do problema, que é mental, como vimos em Filipenses através da expressão “phronein”, Paulo defende um ajuste que também é de ordem mental. Ambos concordam que a solução para o egoísmo é de ordem mental, se houver uma transformação de mentalidade, da forma de entender o mundo, o resultado prático será um fruto gerado disso.

Contudo, vemos uma óbvia discrepância entre a filosofia de Comte e o que foi mostrado nos capítulos 2 e 3 de Filipenses. Pois ele defendia que não existia o transcendental, que nós chegaríamos em uma evolução tal da sociedade, que o conceito de Deus seria sobrepujado pelo homem altruísta, que é justamente a figura ideal do ser que encontra a união do dever e da

felicidade. Por mais que Paulo trabalhe com o conceito de alegria em meio ao padrão altruísta de viver, as divergências são bem enfáticas.

O que Augusto Comte defendia era que o homem altruísta seria justamente o centro de toda essa revolução através da figura da “Humanidade”. Deus seria um conceito ultrapassado. Isso, como vemos, é literalmente colocar o homem no lugar de Deus na sociedade e é exatamente essa a proposta que ele fez:

Por toda parte o relativo sucede irrevogavelmente ao absoluto, e o altruísmo tende a dominar o egoísmo, ao passo que uma marcha sistemática substitui uma evolução espontânea. Em uma palavra, a Humanidade substitui-se definitivamente a Deus, sem esquecer jamais seus serviços provisórios (COMTE, 1973, p. 375).

Por mais prepotente que pareça sua proposta, Comte via nos outros períodos da história elementos positivos. Porém, como ele não cria no sobrenatural e, conseqüentemente, em Deus. Ele acreditava que essas virtudes existiam na própria natureza do homem.

O padrão que Paulo expôs aos filipenses foi diferente, porque o fator gerador é a própria pessoa de Deus – pois é Deus que efetua o querer e o realizar – e o paradigma central de exemplo é Jesus Cristo - que é o Senhor (Kyrios) e está acima de todo nome.

Além disso, percebe-se que Comte propôs, a luz da carta aos Filipenses, como algo que denota a Kenodoxia (vangloria). Ou seja, ele propunha um tipo de altruísmo que fazia sentido dentro de sua visão de mundo, mas que diante da mentalidade cristã é justamente o oposto de altruísmo. É colocar o ser humano no lugar de Deus, dar a “Doxa” (glória) a quem não lhe é devida. Sendo assim, o homem altruísta de Comte não é o mesmo que podemos entender em Filipenses.

Com o passar dos anos o termo se distanciou da filosofia dele. Hoje os dicionários relacionam altruísmo a uma postura piedosa também, muito parecida com a definição que humildade tinha antigamente. A definição de altruísmo, como vimos anteriormente, contém termos religiosos como “sacrifício, domínio de si mesmo, martírio, dedicação, sacerdócio, apostolado, nobreza de coração”. O ser altruísta é entendido como “negar-se a si mesmo, negar-se a si por outrem, abnegar o amor próprio, trabalhar por Deus, pôr o coração acima do estômago, fazer da profissão um sacerdócio, dar a vida por (defender)” (AZEVEDO, 2010, p. 462).

Por mais evidente que seja essa diferença, esse contraste entre o conceito de Comte e os pressupostos da fé cristã, os cristãos muitas vezes podem ser compreendidos como Comte os leu em seu período histórico: como pessoas egoístas, vivendo em discórdia, sem unidade.

Por outro lado, a grande busca de Augusto Comte não é transcendental, por isso é justamente focada no que é tangível. Onde a ciência ocuparia um grande papel, por corresponder com essa busca pelo que é observável. Já a mentalidade Cristã é abastecida da esperança pelo porvir, uma mentalidade escatológica, não das coisas que são passageiras – por mais úteis que possam ser no momento. Em outras palavras, aquilo que Paulo exortou aos irmãos em Filipos urge por toda a história: precisamos de uma atitude – padrão de vida prática – inspirado em Jesus Cristo, uma mentalidade de vida altruísta e humilde, buscando o avanço do evangelho.

A resposta que um filósofo francês do século XIX deu para o problema do egoísmo tem um grande valor, por mais que não corresponda a doutrina cristã plenamente. A grande contribuição dele, nesse sentido, foi buscar uma solução prática para um problema social latente. O conceito de altruísmo, de se voltar para o outro, é extremamente importante, já que ainda hoje vemos no meio teológico discursos egoístas sendo propagados.

Em Filipenses vemos essa mesma resposta contra o egoísmo, ao que podemos interpretar com a palavra “altruísmo”. Por mais que possamos enxergar problemas envolvendo essa questão fora da igreja, é essencial observar internamente como é comum um discurso cada vez mais na contramão do padrão cristão altruísta que vemos em Filipenses, esse discurso é uma expressão da incongruência dos cristãos. Um exemplo disso é a Teologia do Coaching presente no Brasil.

4.2. DISCURSO EGOCENTRICO DA TEOLOGIA DO COACHING

O fenômeno do coaching tem se expandido de maneira significativa, transformando-se em um mercado que vai além das fronteiras do desenvolvimento pessoal e profissional. No entanto, a amalgamação da teologia com o coaching levanta questões críticas que merecem reflexão. Pedro Pamplona aborda o problema intrínseco ao que denominou "teologia do coaching", que, longe de ser uma abordagem pragmática, se tornou um terreno fértil para promessas ilusórias e uma perigosa forma de dependência emocional.

Pamplona destaca a transformação do coaching em um mercado impulsionado por estratégias de marketing digital, consultoria empresarial e discursos motivacionais. A questão central reside na crescente tendência do coaching em se tornar uma mistura de promessas vazias, fórmulas mágicas e, surpreendentemente, elementos de consolo emocional religioso.

A promessa recorrente de riqueza, crescimento empresarial e mudança de vida é apresentada de forma irresponsável, muitas vezes através de clichês como "acordar cedo e trabalhar

duro" ou "riqueza é questão de mentalidade". Essas promessas são, então, respaldadas por fórmulas mágicas personalizadas, criadas pelos próprios coaches, que asseguram o caminho para o sucesso. O resultado é um mercado que ensina o que já se sabe, cobrando um alto preço por isso.

A sociedade contemporânea, marcada pela busca incessante por desempenho e sucesso, está contribuindo para o cansaço físico, mental e emocional. A leitura predominante de livros motivacionais em detrimento de obras de ficção, filosofia, teologia ou política reflete essa obsessão por resultados rápidos e eficazes. O filósofo coreano Byung-Chul Han (apud MARTINS, 2017, p. 47) destaca como vivemos em uma sociedade de desempenho, onde as pessoas se tornaram empresários de si mesmas, buscando constantemente o sucesso e a realização pessoal. Essa mentalidade, segundo Han, leva à depressão e ao *burnout*, indicando as consequências negativas dessa sociedade movida pelo positivismo excessivo.

O coaching emerge, então, como uma resposta paradoxal a esse cenário. Promete curar a alma que ele próprio contribui para adoecer, criando um ciclo vicioso de dependência emocional para muitos e lucro para poucos. A teologia do coaching, ao se infiltrar em setores religiosos, distorce a mensagem do evangelho para uma abordagem mais centrada no emocional e no individual, criando uma forma de evangelho que alimenta a idolatria do sucesso e da positividade.

Sendo assim, a Teologia do Coaching é um fenômeno que tem chegado ao Brasil recentemente. Consiste em pastores se valendo da forma e de conceitos do mercado coach para tornarem suas mensagens palatáveis para um público egocêntrico. É uma narrativa “divina” centralizada no homem. Diferente da Teologia da Prosperidade, a Teologia do Coaching traz um discurso que vai além da prosperidade financeira, existe um discurso pseudo terapêutico, centralizado nas emoções carentes do público-alvo (PAMPLONA, 2017).

Renúncia, abnegação, altruísmo, pecado e arrependimento, são palavras que não fazem parte dessa proposta. Está envolta na sociedade do desempenho, na positividade (no sentido de pensamento positivo auto afirmativo). Frases que se popularizaram, causando controvérsia dentro do público evangélico brasileiro, foram “você é o ponto fraco de Deus”, “você é o centro do coração de Jesus” e “quando eu olho para Deus, eu sou tão justo, que eu não me sinto inferior a Deus”. É a idolatria do “eu” e do sucesso a todo custo.

A mentalidade de performance gera competitividade e desunião, além de minar qualquer tipo de confronto exortativo. Esse discurso é egocêntrico e anticristão, já que o discurso bíblico é cristocêntrico – é Jesus Cristo que ocupa esse lugar central. Além disso, como vimos anteriormente,

Paulo exorta a um viver altruísta, para além de si, onde a prática gera um destaque em meio a uma sociedade que não vive dessa maneira.

O discurso desses pregadores, por conseguinte, é mais divergente ao padrão cristão que – ou no mínimo tão divergente quanto – a filosofia de Comte. Pois não visa a esperança eterna e um auto sacrifício altruísta e humilde, mas sim, apenas um conforto pseudo terapêutico, momentâneo e ensimesmado. É um entorpecimento moral acolhedor travestido de cristão (MARTINS, 2023, p. 49).

É curioso pensar que Paulo fez um apelo a alegria em meio a um contexto de forte oposição. Isso se dá, pois a alegria é incondicional. Essa é a concepção de alegria apresentada em Filipenses, em Cristo podemos nos regozijar diante de qualquer tipo de circunstância terrena, temos um futuro garantido em Cristo (SHEDD, 1984, p. 80). Isso pode ser aplicado ao nosso momento atual em resposta a esse falso conforto pregado pela Teologia do Coaching – dentre outros casos não citados que não citei no presente trabalho.

4.3. UM CHAMADO A BRILHAR COMO ESTRELAS

O estilo de vida baseado no desempenho é uma busca constante por aprovação, de acordo com Timothy Keller. É como estar sempre diante do tribunal em busca de veredicto, mas ele nunca chega. Keller defende que através de Cristo, contudo, se recebe esse veredicto e é através dele que é garantido um desempenho favorável (KELLER, 2014, p. 17). De acordo com Lewis, compartilhar da humilhação com Cristo significa também compartilhar de sua felicidade conquistada, encontrando nova vida e nos tornando novas criaturas. Além disso, ele defende que o primeiro passo para encontrar o caminho da humildade é reconhecer o seu orgulho (LEWIS, 1989, p. 118).

A resposta para essa mentalidade egoísta é a mesma de Filipenses, o padrão Cristão altruísta que Paulo ensinou aquela igreja. A palavra-chave, nesse momento, é “ensino”. Muito mais que pastores “gurus”, é necessário pastores e irmãos capacitados para ensinar, através do discipulado, a cosmovisão cristã para as pessoas. Tanto através do ensino da Bíblia quanto de testemunhos de vida que sirvam de paradigmas de exemplo.

Altruísmo, humildade, preocupação com os outros além de si mesmo, obediência ao Senhor, uma vida dedicada a Jesus Cristo como uma liturgia (que é um culto todos os dias) e a esperança escatológica como alvo de vida precisam fazer parte do repertório de cada vez mais irmãos e irmãs. Culminando em uma vida prática que brilhe no mundo, não como a “luz” de um

“*popstar*”, mas refletindo como comunidade unida a Glória de Deus em meio a sociedade – contribuindo para o avanço das boas novas do evangelho de Cristo com assonância.

A esperança não está nessa vida passageira, existe uma lógica de que “morrer é lucro”, participar de sofrimentos, sendo parecidos com Jesus, não é vergonhoso de maneira nenhuma. Se sacrificar pelos outros, especialmente por amor a Cristo, é digno de honra. Colocar a vontade de Deus e dos outros acima da sua, pensando no avanço do evangelho, é uma vida de abnegação e humildade. Ou seja, é uma vida altruísta.

Essa exortação de Paulo ao altruísmo ecoa por toda história da igreja de Cristo. É um apelo que devemos ouvir e seguir em nossos dias. Da mesma maneira que Comte não viu uma conduta de abnegação nos cristãos em seu período histórico, corremos o risco que não viver o padrão cristão nos nossos dias também. A detecção do erro pode vir de um meio secular, mas dentro do pressuposto cristão, a resposta já está posta na bíblia em Filipenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o intuito desse trabalho foi expor a mensagem altruísta contida em Filipenses 2 e 3, por mais que não de forma exaustiva. Foi exposto que Comte criou a palavra altruísmo em meio a sua crítica ao egoísmo cristão de sua época. Parte do que a carta de Paulo aos Filipenses tratava era justamente o contraste entre um padrão cristão que era o oposto ao egoísmo, o que ele define como humildade.

O povo de Filipos era uma colônia romana, sendo assim, viviam dentro de uma perspectiva social onde a humildade era vista como uma fraqueza, algo vergonhoso. Diante dessa realidade é que Paulo mostra qual é o padrão que deveria ser seguido de fato. Esse “padrão cristão” era visto no próprio Senhor Jesus Cristo, que se humilhou se tornando humano, escravo e morrendo em uma cruz. Para os romanos era completamente desprezível a morte de cruz, não era honroso. Então, isso demonstra até onde Cristo foi em sua humilhação terrena, sendo posteriormente exaltado por Deus Pai. Esse é o padrão cristão altruísta, Paulo demonstra como Timóteo, Epafrodito e ele mesmo o seguiam e ensinavam os filipenses a seguirem também. Isso diante de pessoas que usavam até mesmo a religião para terem seu modo de pensar egoísta pujante. Vivendo em uma religiosidade completamente voltada para coisas passageiras. Paulo diz que viver dessa maneira era ser inimigo da cruz de Cristo, ou seja, contra o padrão cristão que é o próprio viver em Cristo.

A análise dos paradigmas exemplares apresentados por Paulo na carta aos Filipenses revela um profundo chamado à conformidade com o padrão cristão altruísta, em contraste com a postura egoísta anticristã de alguns opositores. O exemplo de Cristo, destacado no Hino Cristológico em Filipenses 2:5-11, representa o modelo supremo de humildade e serviço, desafiando a comunidade a internalizar essa mentalidade em meio a desafios sociais e culturais. Os paradigmas de Paulo, Timóteo e Epafrodito exemplificam a entrega total, renúncia e serviço altruísta como essenciais na vida cristã. Paulo adverte sobre o perigo representado pelos opositores que adoram o "deus estômago," enfatizando a importância de manter a fidelidade aos princípios do Evangelho e resistir às influências contrárias. A busca por um padrão consistente, baseado nos ensinamentos de Cristo, é apontada como essencial para a maturidade espiritual da comunidade, enquanto o choro de Paulo revela não apenas convicção teológica, mas uma profunda paixão pela reconciliação daqueles que se desviaram do evangelho. Assim, a carta aos Filipenses ressoa como um chamado urgente à unidade, humildade e fidelidade diante das adversidades, convidando os crentes a seguirem o padrão exemplar de Cristo, que é uma jornada altruísta.

Esse trabalho deixa latente o interesse de me aprofundar em um estudo exegético de Filipenses e também me instigou a conhecer mais sobre a obra de Augusto Comte, especialmente sobre a Religião Positiva – que é basicamente uma religião sem Deus. Espero oportunidades futuras para dar sequência a esses estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. Dicionário Analógico Da Língua Portuguesa: Ideias E Afins / Thesaurus. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

BARCLAY, William, Palavras chaves do NT. São Paulo: Vida Nova, 2000

BORING, M. Eugene. Introdução ao Novo Testamento: história, literatura, teologia. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

BURDICK, Donald; BARKER, Kenneth. Bíblia de Estudo NVI. São Paulo: Vida, 2003.

CARSON, Donald A.. Introdução ao Novo Testamento. São Paulo: Vida nova, 1997.

CHAMPLIN, Russell Norman. O Novo Testamento interpretado versículo por versículo: Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses, I e II Timóteo, Tito, Filemon e Hebreus. São Paulo: Milenium, 1980.

COMTE, Auguste. Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Catecismo positivista; As regras do método sociológico e outros textos. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FEE, Gordon D. Filipenses: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2022.

DUNN, James D. G. A Nova Perspectiva Sobre Paulo. São Paulo: Paulus Editora, 2011.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. Dicionário de Paulo e suas cartas. São Paulo: Vida Nova: Paulus: Loyola, 2008.

HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento - Efésios e Filipenses. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

KELLER, Timothy. Ego transformado: a humildade que brota do evangelho e traz a verdadeira alegria. SP: Edições Vida Nova, 2014.

KITTEL, Gerhard e FRIEDRICH, Gerhard. Dicionário teológico do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

KOESTER, Helmut. Introdução ao Novo Testamento, volume 2: história, cultura e religião do período helenístico. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.

LEWIS, C. S. Cristianismo puro e simples. São Paulo: ABU, 1989.

MARTIN, Ralph P.. Filipenses: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1985.

MARTINS, Yago, NUNES, Guilherme, PAMPLONA, Pedro. Você é o ponto fraco de Deus: e outras mentiras da teologia coaching. São Paulo, Mundo Cristão, 2023.

NASCENTES, Antenor. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

OLIVETTI, Odayr et al. Novo Testamento interlinear analítico: Texto majoritário com aparato crítico. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

OMANSON, Roger L. Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

SHEDD, Russell Philip. Alegrai-vos no Senhor: [Exposição de Filipenses]. São Paulo: Vida Nova, 1984.

WEGNER, Uwe. Exegese do Novo Testamento: Manual de metodologia. São Paulo: Paulus, 1998.

Sites:

BIBO, Rodrigo. Filipenses 2 - BTCAST 343. BiboTalk, 2020. Disponível em: <<https://bibotalk.com/podcast/filipenses-02-btcast-343/>>. Acesso em 13 de Nov. de 2023.

BIBO, Rodrigo. Filipenses 3 - BTCAST 344. BiboTalk, 2020. Disponível em: <<https://bibotalk.com/podcast/filipenses-03-btcast-344/>>. Acesso em 13 de Nov. de 2023.

PAMPLONA, Pedro. Teologia do Coaching – a substituta da Teologia da Prosperidade. Dois dedos de teologia, 2017. Disponível em: <https://doisdedosedeteologia.com/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/>. Acesso em 13 de Nov. de 2023.